

Organizador
Matheus Trevizam

Recortes
das *Cartas das*
***Heroínas*, de Ovídio**

v
v v
v v
viva voz

Belo Horizonte
FALE / UFMG
2011

Sumário

**Nota introdutória aos Recortes das
Cartas das Heroínas, de Ovídio . 5**
Matheus Trevizam

Penelope Vlixí . 7

Penélope a Ulisses . 11

Medea Iasoni . 17

Medeia a Jasão . 25

Dido Aeneae . 35

Dido a Eneias . 43

Canace Macareo . 51

Cânace a Macareu . 57

A construção retórica de

Medeia nas *Heroides* de Ovídio . 63
Júlia Batista Castilho de Avellar

Cânace a Macareu: uma análise retórica . 75

Bruno Francisco dos Santos Maciel

Duas ousadas Medeias por Ovídio: *Heroides* –

"*Medea Iasoni*" e *Metamorphoseon*, VII, 1-424 . 87

Matheus Trevizam

Júlia Batista Castilho de Avellar

Bruno Francisco dos Santos Maciel

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais e diagramação

Eduardo Soares

Revisão de provas

Eduardo Soares

Tatiana Chanoca

Endereço para correspondência

Laboratório de Edição – FALE / UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte / MG

Telefax: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

www.lettras.ufmg.br/labed

Nota introdutória aos Recortes das Cartas das Heroínas, de Ovídio

Os trabalhos aqui coligidos referem-se à minha orientação em "iniciação científica voluntária", durante todo o ano letivo de 2010 na FALE/UFMG, dos graduandos em Língua e Literatura Latina Júlia Batista Castilho de Avellar e Bruno Francisco dos Santos Maciel. Na ocasião, estes alunos tiveram a oportunidade de traduzir do latim duas cartas ovidianas cada (respectivamente, "Penélope a Ulisses" e "Medeia a Jasão" e "Dido a Eneias" e "Cânace a Macareu") e de refletir sobre suas características literárias/elegíacas e retóricas.

Da reflexão teórica assim motivada, surgiram os três textos ainda anexados na segunda parte deste volume, em que, a saber, 1- a aluna posiciona-se sobre *A construção retórica de Medeia nas Heroídes de Ovídio*, 2- o aluno discorre da tessitura complexa da epístola de Cânace a Macareu (*Cânace a Macareu: uma análise retórica*) e 3- todos juntos, alunos e professor, manifestam-se sobre os divergentes traços da personagem de Medeia na carta correspondente da coletânea em jogo e no livro VII das *Metamorfoses* ovidianas.

Esperamos, assim, dar ao leitor uma pequena amostragem dessa instigante obra antiga, majoritariamente focada no sentimento amoroso "no feminino" – pois que corresponde a um conjunto de cartas de chorosas Heroínas do mito a seus amantes/maridos ausentes. Se o tivermos conseguido apenas em modesta medida, nisto se incluindo o direcionamento dos olhares para o amplo leque

de questões literárias possíveis, agora nos teremos por cumpridores da tarefa desde o início proposta em comum.¹

Penelope Vlxi

Matheus Trevizam

Março 2011

Hanc tua Penelope lento tibi mittit, Vlxi:
nil mihi rescribas attamen: ipse veni.

Troia iacet certe, Danais invisa puellis.

Vix Priamus tanti totaque Troia fuit!

O utinam tum, cum Lacedaemona classe petebat,
obrutus insanis esset adulter aquis!

Non ego deserto iacuissem frigida lecto,

nec quererer tardos ire relicta dies;

nec mihi quaerenti spatiosam fallere noctem,
lassaret viduas pendula tela manus.

Quando ego non timui graviora pericula veris?

Res est solliciti plena timoris amor.

In te fingebam violentos Troas ituros;

nomine in Hectoreo pallida semper eram;

sive quis Antiochum narrabat ab Hectore victum,

Antiochus nostri causa timoris erat;

sive Menoetiaden falsis cecidisse sub armis,

febam successu posse carere dolos.

Sanguine Tlepolemus Lyciam tepefecerat hastam:

Tlepolemi leto cura novata mea est.

Denique, quisquis erat castris iugulatus Achivis,
frigidius glacie pectus amantis erat.

Sed bene consuluit casto deus aequus amor:

¹ A edição geral de texto latina utilizada para os trabalhos foi: OVIDE. *Les Héroïdes*. Traduction par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932. Agradeço aos dois alunos envolvidos pelo interesse e talento demonstrados na condução dessas tarefas.

versa est in cinerem sospite Troia viro. Argolici rediere duces, altaria fumant; ponitur ad patrios barbara praeda deos. Grata ferunt nymphae pro salvis dona maritis; illi victa suis Troia fata canunt. Mirantur iustique senes trepidaeque puellae; narrantis coniux pendet ab ore viri. Atque aliquis posita monstrat fera praelia mensa pingit et exiguo Pergama tota mero: "Hac ibat Simois; hic est Sigeia tellus; hic steterat Priami regia celsa senis. Illic Aeacides, illic tendebat Vlixes; hic lacer admissos terruit Hector equos." Omnia namque tuo senior, te quaerere misso, rettulerat nato Nestor, at ille mihi. Rettulit et ferro Rhesumque Dolonaque caesos, utque sit hic somno proditus, ille dolo. Ausus es, o nimium nimiumque oblite tuorum, Thracia nocturno tangere castra dolo; totque simul mactare viros, adiutus ab uno! At bene cautus eras, et memor ante mei! Vsque metu micuere sinus, dum victor amicum dictus es Ismaris isse per agmen equis. Sed mihi quid prodest vestris disiecta lacertis Ilios, et, murus quod fuit, esse, solum, si maneo, qualis Troia durante manebam, virque mihi, demto finearendus, abest? Diruta sunt aliis, uni mihi Pergama restant, incola captivo quae bove victor arat. Iam seges est ubi Troia fuit resecandaque falce luxuriat Phrygio sanguine pinguis humus. Semiseputa virum curvis feriuntur aratris ossa; ruinosae occulit herba domos. Victor abes; nec scire mihi, quae causa morandi,	25	aut in quo lateas ferreus orbe, licet. Quisquis ad haec vertit peregrinam litora puppim, ille mihi de te multa rogatus abit; quamque tibi reddat, si te modo viderit usquam, traditur huic digitis charta notata meis. Nos Pylon, antiqui Neleia Nestoris arva, misimus: incerta est fama remissa Pylo. Misimus et Sparten: Sparte quoque nescia veri, quas habitas terras, aut ubi lentus abes. Vtilius starent etiam nunc moenia Phoebi (irascor votis, heu! levis ipsa meis!); scirem ubi pugnares, et tantum bella timerem; et mea cum multis iuncta querela foret. Quid timeam, ignoro; timeo tamen omnia demens, et patet in curas area lata meas. Quaecumque aequor habet, quaecumque pericula tellus, tam longae causas suspicor esse morae. Haec ego dum stulte metuo (quae vestra libido est!), esse peregrino captus amore potes. Forsitan et narres quam sit tibi rustica coniux, quae tantum lanas non sinat esse rudes. Fallar, et hoc crimen tenues vanescat in auras, neve, revertendi ilber, abesse velis. Me pater Icarus viduo discedere lecto cogit, et immensas increpat usque moras. Increpet usque licet: tua sum, tua dicar oportet; Penelope coniux semper Vlixis ero. Ille tamen pietate mea precibusque pudicis frangitur et vires temperat ipse suas. Dulichii Samiique et quos tulit alta Zacynthos, turba ruunt in me luxuriosa proci; inque tua regnant nullis prohibentibus aula. Viscera nostra, tuae dilacerantur opes. Quid tibi Pisandrum Polybumque Medontaque dirum,	60	30	35	40	45	50	55	65	70	75	80	85	90
--	----	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Se alguém contava que Antíloco⁸ fora vencido por Heitor, Antíloco era causa de nosso temor; ou se contava que o Meneciada⁹ sucumbira sob armas fingidas, eu chorava que os dolos pudessem estar privados de êxito. Tlepólemo¹⁰ aquecera uma lança lícia com o seu sangue: minha inquietação foi reavivada pela morte de Tlepólemo. Enfim, quem quer que tivesse sido aniquilado no acampamento [aquivo,¹¹ meu peito de amante ficava mais frio que o gelo. Mas um deus justo favoreceu um casto amor: Troia foi vertida em cinzas, meu marido incólume. Os líderes argólicos¹² voltaram; os altares fumegam; os despojos dos bárbaros são oferecidos aos deuses pátrios. Pelos maridos salvos, as esposas trazem gratos presentes; eles cantam os destinos de Troia vencidos pelos seus. Os velhos justos e as moças trementes admiram-se; a esposa fica absorta à boca do marido a narrar. E alguém mostra, à mesa servida, ferozes batalhas e pinta com pouco vinho inteira Pérgamo.¹³ "O Simoente¹⁴ corria por aqui, esta é a terra de Sigeu,¹⁵ aqui se erguera o excelso palácio do velho Príamo. Aqui o Eácida,¹⁶ lá acampava Ulisses; aqui Heitor apavorou mutilado seus cavalos soltos".¹⁷

⁸ *Antíloco*: filho de Nestor e um dos guerreiros que lutaram contra os troianos. Fora o responsável por informar Aquiles de que Heitor derrotara e despojara seu grande amigo Pátroclo. Na verdade, Antíloco, segundo a tradição homérica, não fora vencido por Heitor, mas por Mênnon, rei etíope aliado de Príamo contra os gregos.

⁹ *Meneciáda*: Pátroclo, filho de Menécio e fiel companheiro de Aquiles, pegara emprestadas as armas de Aquiles para combater.

¹⁰ *Tlepólemo*: era filho de Hércules e Astioqueia e rei de Rodés, ilha localizada no mar Egeu. Fora morto por Sárpedon, rei da Lícia (região montanhosa na costa sudoeste da Ásia Menor) e aliado dos troianos na Guerra de Troia.

¹¹ *Aquívos*: gregos habitantes da Acaia (ou Aqueia), região da costa norte da península do Peloponeso, cuja principal cidade era Patras.

¹² *Argólicos*: originários da Argólida, região da costa leste do Peloponeso, onde se localizava Argos, cidade de Agamêmnon, irmão de Menelau e general dos gregos.

¹³ *Simoente*: rio de Tróade, região do noroeste da Ásia Menor, na qual se localizava Troia.

¹⁴ *Sigeu*: porto e promontório de Tróade.

¹⁵ *Eácida*: Aquiles, neto de Eáco, aliado dos gregos e um dos principais heróis da Guerra de Troia.

¹⁷ Referência à morte de Heitor. Aquiles vingou a morte de seu amigo Pátroclo com a de Heitor, cujo corpo amarrado ao seu carro e arrastou, puxado pelos cavalos, muitas vezes ao redor das muralhas de Troia.

De fato, Nestor ancião¹⁸ tudo relatara ao teu filho,¹⁹ enviado para te procurar, e ele a mim. Contou também de Reso²⁰ e Dólon,²¹ mortos a ferro, de como este fora traído pelo sono, aquele pelo dolo. Ousaste, ó demasiadamente esquecido dos teus, atingir o acampamento trácio por dolo noturno; e matar tantos homens ao mesmo tempo, ajudado por apenas um.²² E eras bem cauteloso, e antes lembrado de mim! Com medo meu coração palpitou sem cessar, até contarem que [seguiste vencedor 45 pelas fileiras amigas sobre cavalos ismários.²³ Mas de que me serve Ílio²⁴ destroçada por teus braços, e ser terra o que foi muro, se ainda estou tal como estava quando Troia existia, e está distante meu marido, cuja ausência não tem fim? 50 Foi destruída para os outros, somente para mim subsiste Pérgamo, que o íncola vencedor ara com o boi cativo. Já é seara onde houve Troia, a terra pingue com o sangue frígio²⁵ abunda e deve ser cortada com a foice. Pelos curvos arados, os semissepultos ossos dos homens são feridos; 55 a erva ruínosa oculta as casas. Vencedor, estás ausente; e não me é permitido saber qual a causa de [demorares, ou em qual mundo te escondes, férreo.

Quem quer que volte a popa estrangeira para estas praias,

¹⁸ *Nestor*: rei de Pilos, cidade localizada no sudoeste do Peloponeso, e o mais novo dos doze filhos de Nlelu. É caracterizado por virtudes guerreiras e políticas, como a prudência, a equidade, o respeito aos deuses, a eloquência, a amenidade e a polidez.

¹⁹ Referência a Telémaco, filho de Ulisses e Penélope, que, ao alcançar a adolescência, julgou-se no dever de procurar seu pai por toda a Grécia. Aconselhado e orientado por Minerva (deusa da sabedoria, das artes e da estratégia de guerra), embarcou em direção a Pilos, à casa de Nestor, e a Esparta, à casa de Menelau.

²⁰ *Reso*: rei da Trácia (região do sudeste da Europa, banhada pelo mar Negro, pelo mar de Mármara e pelo mar Egeu), viera em auxílio dos troianos, mas foi morto por Ulisses e Diomedes, que levaram seus cavalos para o acampamento dos gregos.

²¹ *Dólon*: espião troiano, foi surpreendido e morto por Ulisses e Diomedes.

²² Referência a Diomedes, companheiro usual de Ulisses e nomeado príncipe de Argos por ser o herói mais valente da cidade.

²³ *Ismários*: trácios. O Ísmaro era uma montanha da Trácia. Faz-se referência ao fato de Ulisses ter adentrado o acampamento grego sobre os cavalos tomados de Reso.

²⁴ *Ílio*: outro nome atribuído a Troia.

²⁵ *Frígio*: referente à Frígia, reino localizado no centro-oeste da Ásia Menor.

vai-se embora por mim interrogado sobre muitas coisas a teu [respeito; 60
para que entregue a ti, se ao menos te vir em algum lugar.
Nós a Pilos, campos neleus do velho Nestor;²⁷
enviamos: incerta foi a fama remetida por Pilos.
Também enviamos a Esparta; Esparta que igualmente ignora a verdade, 65
as terras que habitas, ou onde, demorado, distas.
Mais útil seria que ainda agora substissem os muros de Febo²⁸
(ai! Iro-me eu própria, frívola, contra meus votos!);
eu saberia onde lutavas, só as guerras temeria;
e minha queixa estaria unida a muitas outras.
O que temo, ignoro; mas, louca, temo todas as coisas,
e abre-se vasto espaço às minhas preocupações.
Todos os perigos que o mar possui, todos os que a terra,
suspeito que sejam causas de tão longa demora.
Enquanto eu temo toalmente estas coisas (como são vossos caprichos!), 75
podes estar cativo de um amor estrangeiro.²⁹
Talvez também contes o quão rústica é tua esposa,
que apenas às lãs não permite serem rudes.
Que eu me engane, e esta reclamação se dissipe nos ares tênues,
e, livre para voltar, não desejares estar ausente.
Meu pai Icário³⁰ obriga-me a deixar o leito viúvo
e censura continuamente as imensas demoras.
Que censures continuamente: sou tua, convém que me digam tua;
Penélope, sempre serei esposa de Ulisses.
Ele, todavia, pelo meu respeito e minhas castas súplicas 85
se dobra, e ele próprio modera suas forças.

²⁶ Na edição francesa do texto latino, foi empregada a forma *meia*. Entretanto, a forma correta é *meis*, no ablativo plural, em concordância com o outro termo que compõe o sintagma: *digitis*.

²⁷ Cf. nota 18.

²⁸ *Febo*: deus associado ao sol, à música, à poesia e à medicina. Laomedonte, rei de Troia e pai de Príamo, fez com que Febo e Netuno (deus dos mares), punidos por terem ofendido Júpiter, construíssem as muralhas de Troia.

²⁹ Alusão a Circe, poderosa feiticeira, em cuja ilha Ulisses permaneceu durante um ano, levando uma vida de facilidades e prazer; e a Calípsso, ninfa que se apaixonara por Ulisses e tentara retê-lo em sua vida presenteando-o com a imortalidade.

³⁰ *Icário*: pai de Penélope, era príncipe de Esparta.

Pretendentes dulíquios,³¹ sâmios³² e os que a altiva Zacinto³³ trouxe
lançam-se sobre mim, turba luxuriosa,
e reinam em tua corte, ninguém os proibindo.
Meu coração e teus recursos são dilapidados. 90
Por que te contarei de Pisandro, de Pólipo e do cruel Medonte,
das mãos ávidas de Eurímaco e de Antínoo,³⁴
e de outros, todos os quais tu mesmo, distante,
torpemente nutres com bens saídos do teu sangue?
O indigente Iro³⁵ e Melântio,³⁶ pastor dos rebanhos,
extrema vergonha, juntam-se às tuas desgraças.
Em número somos três imbeles: a esposa sem forças,
o velho Laertes³⁷ e o menino Telémaco.
Quase mo arrebataram há pouco por armadilhas,
ao preparar-se, contra todos, para ir a Pilos.³⁸ 100
Os deuses, suplico, ordenem: que pelo comum encadear dos fados,
ele feche meus olhos, e também os teus!
Fazem-no tanto o boieiro quanto a velha ama,³⁹
e, em terceiro lugar, o fiel vigia do imundo estábulo.⁴⁰
Mas nem Laertes, como se fosse inútil nas armas,
pode manter os domínios em meio aos inimigos.
A idade do vigor virá para Telémaco, se viver:
agora, a sua devia ser protegida com o auxílio do pai.
Nem tenho forças para expulsar de casa os inimigos.
Tu, prontamente venhas, porto e proteção⁴¹ dos teus. 110
Tens e tenhas, suplico, um filho, que nos tenros anos

³¹ *Dulíquios*: habitantes da ilha vizinha a Ítaca.

³² *Sâmios*: habitantes da ilha de Samos, localizada no leste do mar Egeu.

³³ *Zacinto*: atualmente chamada Zante, é uma ilha localizada no noroeste da Grécia.

³⁴ *Pisandro*; *Pólipo*; *Medonte*; *Eurímaco*; *Antínoo*: nomes dos diversos pretendentes de Penélope, que passaram a frequentar seu palácio, dilapidando as riquezas de Ulisses e pressionando-a a se casar novamente.

³⁵ *Iro*: mendigo famoso em Ítaca.

³⁶ *Melântio*: era um dos serventes do palácio de Ulisses e tomara partido dos pretendentes de Penélope.

³⁷ *Laertes*: pai de Ulisses.

³⁸ Cf. nota 19.

³⁹ Referência a Euricleia, que, quando Ulisses retornou a Ítaca disfarçado de mendigo e completamente mudado, foi capaz de reconhecê-lo devido à cicatriz que ele possuía na perna, fruto do ataque de um javali.

⁴⁰ Referência a Eumeu, guardador de porcos, que era um servo fiel da casa de Ulisses.

⁴¹ A tradução literal de *ara* é 'altar'. A escolha do termo "proteção" resulta do fato de que o altar era considerado inviolável pelos antigos. Desse modo, qualquer um que tivesse suas mãos no altar estaria protegido, não podendo em tese ser punido ou capturado, mesmo se fosse um criminoso, uma vez que a violação do altar era vista como um crime maior.

devia ser educado nas artes paternas.
Fita Laertes: a fim de logo cerrares seus olhos,
ele retarda o derradeiro dia da existência.
Decerto eu, que fora moça à partida,
logo que voltares, parecerei uma velha.

115

Medea Iasoni

At tibi Colchorum, memini, regina vacavi,
ars mea cum peteres ut tibi ferret opem.
Tunc quae dispensant mortalia fata Sorores
debuerant fusos evoluisse meos.

Tunc potui Medea mori bene! Quidquid ab illo
produxi vitae tempore, poena fuit.

Hei mihi! Cur unquam iuvenilibus acta lacertis
Phrixeam petiit Pellas arbor ovem?

Cur unquam Colchi Magnetida vidimus Argo,
turbaque Phasiacam Graia bibistis aquam?

Cur mihi plus aequo flavi placuere capilli,
et decor et linguae gratia ficta tuae?

Aut, semel in nostras quoniam nova puppis arenas
venerat, audaces attuleratque viros,

isset anhelatos non praemedicatus in ignes
immemor Aesonides oraque adusta boum;

semina icisset, totidem sensisset et hostes,
ut caderet cultu cultor ab ipse suo.

Quantum perfidiae tecum, scelerate, perisset!
Dempta forent capiti quam mala multa meo!

Est aliqua ingrato meritum exprobrare voluptas;
hac fruar: haec de te gaudia sola feram.

Iussus inexpertam Colchos advertere puppim,

5

10

15

20

intrasti patriae regna beata meae.
Hoc illic Medea fui nova nupta quod hic est.
Quam pater est illi, tam mihi dives erat:
hic Ephyren bimarem, Scythia tenuis ille nivosa
omne tenet, Ponti qua plaga laeva iacet.
Accipit hospitio iuvenes Aeeta Pelasgos,
et premitis pictos, corpora Graia toros.
Tunc ego te vidi, tunc coepi scire quid esses;
illa fuit mentis prima ruina meae.
Vt vidi ut perii; nec notis ignibus arsi,
ardet ut ad magnos pinea taeda deos.
Et formosus eras, et me mea fata trahebant;
abstulerant oculi lumina nostra tui.
Perfide, sensisti, quis enim bene celat amorem?
Eminet indicio prodita flamma suo.
Dicitur interea tibi lex, ut dura ferorum
insolito premeres vomere colla boum.
Martis erant: tauri plus quam per cornua saevi,
quorum terribilis spiritus ignis erat;
aere pedes solidi, praetentaque naribus aera,
nigra per adflatus haec quoque facta suos.
Semina praeterea, populos genitura, iuberis
spargere devota lata per arva manu,
qui peterent secum natis tua corpora telis.
Illa est agricolae messis iniqua suo.
Lumina custodis, succumbere nescia somno,
ultimus est aliqua decipere arte labor.
Dixerat Aeetes; moesti consurgitis omnes;
mensaque purpureos deserit alta toros.
Quam tibi nunc longe regnum dotale Creusae
et socer, et magni nata Creontis erant!
Tristis abis; oculis abeuntem prosequor udis,
et dixit tenui murmure lingua: "Vale!"
Vt positum tetigi thalamo male saucia lectum,

acta est per lacrimas nox mihi, quanta fuit;
ante oculos taurique meos segetesque nefandae,
ante meos oculos pervigil anguis erat. 60
Hinc amor, hinc timor est; ipsum timor auget amorem.
Mane erat; et thalamo cara recepta soror,
disiectamque comas, adversaque in ora iacentem
invenit, et lacrimis omnia plena meis. 65
Orat opem Minyis: petit altera et altera habebit.
Aesonio iuveni, quod rogat illa, damus.
Est nemo, et piceis et frondibus ilicis atrum:
vix illuc radiis solis adire licet.
Sunt in eo, fuerantque diu, delubra Dianae:
aurea barbarica stat dea facta manu. 70
Nescio an exciderint mecum loca. Venimus illuc;
orsus es infido sic prior ore loqui:
"Ius tibi et arbitrium nostrae fortuna salutis
tradidit: inque tua vitaeque morsque manu,
perdere posse sat est, si quem iuvat ista potestas;
sed tibi servatus gloria maior ero. 75
Per mala nostra precor, quorum potes esse levamen,
per genus et numen cuncta videntis avi,
per triplicis vultus arcanaque sacra Dianae,
et si forte alios gens habet ista deos,
o virgo, miserere mei, miserere meorum!
Effice me meritis tempus in omne tuum.
Quod si forte virum non dedignare Pelasgum
(sed mihi tam faciles unde meosque deos?) 80
spiritus ante meus tenues vanescat in auras,
quam thalamo, nisi tu, nupta sit ulla meo!
Conscia sit Iuno, sacris praefecta maritis,
et dea, marmorea cuius in aede sumus."
Haec animum (et quota pars haec sunt?) movere puellae
simplicis, et dextrae dextera iuncta meae. 90
Vidi etiam lacrimas: an et est pars et fraudis in illis?

Sic cito sum verbis capta puella tuis. Iungis et aripedes inadusto corpore tauros et solidam iusso vomere findis humum. Arva venenatis, pro semine, dentibus implex, nascitur et gladios scutaque miles habet. Ipsa ego, quae dederam medicamina, pallida sedi, cum vidi subitos arma tenere viros; donec terrigenae, facinus mirabile, fratres inter se strictas conseruere manus. Pervigil ecce draco squamis crepitantibus horrens, sibilat et torto pectore verrit humum. Dotis opes ubi tunc? Vbi tunc tibi regia coniux? Quique maris gemini distinet Isthmos aquas? Illa ego, quae tibi sum denique barbara facta, nunc tibi sum pauper, nunc tibi visa nocens, flammea subdixi medicato lumina somno, et tibi, quae raperes, vellera tuta dedi. Proditus est genitor, regnum patriamque reliqui; munus in exilio quolibet esse tuli. Virginitas facta est peregrini praeda latronis; optima, cum cara matre, relicta soror. At non te fugiens sine me, germane, reliqui: deficit hoc uno littera nostra loco. Quod facere ausa mea est, non audet scribere dextra; sic ego, sed tecum, dilaceranda fui. Nec tamen extimui (quid enim post illa timerem?) credere me pelago femina, iamque nocens. Numen ubi est? Vbi di? Meritas subeamus in alto, tu fraudis poenas, credulitatis ego. Complexos utinam Symplegades elisissent, nostraque adhaerent ossibus ossa tuis! Aut nos Scylla rapax canibus misisset edendos! Debit ingratis Scylla nocere viris. Quaeque vomit fluctus totidem, totidemque resorbet,	95	100	105	110	115	120	125
nos quoque Trinacriae supposuisset aquae! Sospes ad Haemonias victorque reverteris urbes; ponitur ad patrios aurea lana deos. Quid referam Peliae natas, pietate nocentes, caesaque virginea membra paterna manu? Vt culpent alii, tibi me laudare necesse est, pro quo sum toties esse coacta nocens. Ausus es (o, iusto desunt sua verba dolori), ausus es "Aesoniam", dicere, "cede domo!" Iussa domo cessi, natis comitata duobus, et, qui me sequitur semper, amore tui. Vt subito nostras Hymen cantatus ad aures venit, et accenso lampades igne micant, tibiaque effundit socialia carmina vobis, at mihi funerea flebiliora tuba, pertimui, nec adhuc tantum scelus esse putabam; sed tamen in toto pectore frigus erat. Turba ruunt; et "Hymen," clamant, "Hymenaei!" frequentant; quo propior vox est, hoc mihi peius erat. Diversi flebant servi lacrimasque tegebant. Quis vellet tanti nuntius esse mali? Me quoque, quidquid erat, potius nescire iuvabat: sed tamquam scirem, mens mihi tristis erat. Cum minor e pueris iussus studioque videndi, constitit ad geminae limina prima foris. Hic mihi: "Mater, abi; pompam pater," inquit, "Iason ducit; et adiunctos aureus urget equos." Protinus abscessa planxi mea pectora veste; tuta nec a digitis ora fuere meis. Ire animus mediae suadebat in agmina turbae, sertaque compositis demere rapta comis. Vix me continui, quin sic laniata capillos clamarem: "Meus est!" iniiceremque manus. Laese pater, gaude; Colchi, gaudete, relicti;	130	135	140	145	150	155	

inferias, umbrae fratris, habete mei. Deseror, amissis regno, patriaque, domoque coniuge, qui nobis omnia solus erat. Serpentes igitur potui taurosque furentes, unum non potui perdomuisse virum? Quaeque feros pepuli doctis medicatibus ignes, non valeo flammis effugere ipsa meas? Ipsi me cantus herbaeque artesque relinquunt? Nil Dea, nil Hecates sacra potentis agunt? Non mihi grata dies; noctes vigilantur amarae. Nec tener in misero pectore somnus adest. Quae me non possum, potui sopire draconem! Vtilior cuivis, quam mihi, cura mea est. Quos ego servavi, paelex amplectitur artus: et nostri fructus illa laboris habet. Forsthan et, stultae dum te iactare maritae quaeris, et iniustis auribus apta loqui, in faciem moresque meos nova crimina fingis. Rideat, et vitii laeta sit illa meis; rideat, et Tyrio iaceat sublimis in ostro: flebit, et ardores vincet adusta meos. Dum ferrum flammaeque aderunt succusque veneni, hostis Medaeae nullus inultus erit. Quod si forte preces praecordia ferrea tangunt, nunc animis audi verba minorae meis. Tam tibi sum supplex, quam tu mihi saepe fuisti, nec moror ante tuos procubuisse pedes. Si tibi sum vilis, communes respice natos; saeviet in partus dira noverca meos. Et nimium similes tibi sunt, et imagine tangor et, quoties video, lumina nostra madent. Per Superos oro, per avitae lumina flammae, per meritum, et natos, pignora nostra, duos, redde torum, pro quo tot res insana reliqui;	160	adde fidem dictis, auxiliumque refer. Non ego te inploro contra taurosque virosque; utque tua serpens victa quiescat ope. Te peto, quem merui, quem nobis ipse dedisti, cum quo sum pariter facta parente parens. Dos ubi sit, quaeris? Campo numeravimus illo, qui tibi, laturo vellus, arandus erat. Aureus ille aries, villo spectabilis alto, dos mea, quam, dicam si tibi: "Redde!," neges. Dos mea, tu sospes; dos est mea, Graia iuventus. I nunc, Sisyphias, improbe, confer opes! Quod vivis, quod habes nuptam socerumque potentem, hoc ipsum, ingratus quod potes esse, meum est. Quos equidem actutum!... Sed quid praedicere poenam attinet? Ingentes parturit ira minas. Quo feret ira, sequar! Facti fortasse pigebit?... Et piget infido consuluisse viro. Viderit ista deus, qui nunc mea pectora versat: nescio quid certe mens mea maius agit!	195
	165		200
	170		205
	175		210
	180		
	185		
	190		

Medeia a Jasão

Mas para ti, lembro-me, rainha dos colcos,¹ vaguei,
quando pediste que minha arte te trouxesse auxílio.
Então, as Irmãs² que distribuem os destinos dos mortais
deveriam ter desenrolado o meu fuso.

5

Então, Medeia, poderia morrer bem: toda vida
que a partir desse tempo prolonguei, foi castigo.
Ai de mim! Por que um dia, impelida por braços juvenis,
a árvore do Pélion³ buscou o carneiro frixeu?⁴

Por que um dia, colcos, vimos a Argo da Magnésia,⁵
e, turba grega, bebestes da água do Fásis?⁶

10

Por que os cabelos louros me agradaram em demasia,
e a beleza e o encanto fingido de tua língua?

Ou, uma vez que para nossas areias nova popa

viera e trouxera homens audaciosos,

15

que o ingrato Esoníada⁷ tivesse ido sem prévia proteção



Mito de Medeia, sarcófago, Antikensammlung, Berlin.
Fonte: <<http://www.flickr.com/photos/abuaiman/2244268454/>>. Acesso em: 10 mar. 2011. (Imagem com alguns direitos reservados).

¹ *Colcos*: habitantes da Cólquida, região na margem leste do mar Negro, correspondente à pátria de Medeia.

² *Irmãs*: referência às Parcas (Cloto, Láquesis e Átropos), divindades responsáveis pelo fio da vida humana, ou seja, pela ordenação dos destinos.

³ *Pélion*: montanha localizada no sudeste da Tessália, pátria de Jasão, cujo nome proveio do rei Peleu, pai de Aquiles.

⁴ *Fríxeu*: referente a Fríxo, uma das crianças que foram transportadas pelo carneiro do velocino de ouro desde a Tessália até a Cólquida.

⁵ *Argo*: nome do navio feito com a madeira do monte Pélion, o qual transportou os argonautas, diversos aventureiros e heróis – dentre eles, Jasão –, que participaram da expedição em busca do velo de ouro.

⁶ *Fásis*: rio que atravessa a Cólquida.

⁷ *Esoníada*: referência a Jasão, filho de Esón.

Percebeste, pérfido: pois quem bem oculta seu amor?
 A chama revela-se, traída por seu indício.
 Enquanto isso, a ti é ditada uma condição:
 apertares com insólito arado os rijos colos dos bois bravios. 40
 Eram de Marte: touros¹⁶ mais ferozes do que pelos chifres;
 o terrível alento deles era de fogo;
 os pés sólidos de bronze, e o bronze espalhado nas narinas,
 estas também enegrecidas por seus sopros.
 Ademais, mandam-te lançar por largos campos, com mão submissa, 45
 as sementes¹⁷ geradoras dos povos
 que atacariam teus membros com dardos nascidos consigo.
 Essa é uma messe funesta ao seu semeador.
 O derradeiro esforço é por alguma arte iludir os olhos
 do guardião,¹⁸ que não sabem sucumbir ao sono. 50
 Eetes ordenara: vos ergueis todos tristes;
 e afastais a mesa opulenta dos leitos purpúreos.
 Então, quão longe de ti estavam o reino, dote de Creúsa,¹⁹
 o sogro e a filha do grande Creonte!²⁰ 55
 Partes pesaroso; acompanho com olhos úmidos aquele que parte,
 e minha língua disse com ténue murmúrio: "Adeus!"
 Quando toquei, fortemente ferida, meu leito arrumado nos aposentos,
 passei minha noite entre lágrimas, até acabar.
 Diante dos meus olhos, tanto os touros quanto as nefastas searas;
 60
 diante dos meus olhos estava a serpente sempre desperta.
 De um lado amor, de outro há medo; o medo aumenta o próprio amor.
 Amanhecera; e minha cara irmã²¹ recebeu nos aposentos
 encontrou-me de cabelos desgrenhados, deitada sobre a face,

¹⁶ Os touros que deveriam ser subjugados por Jasão foram um presente de Vulcano (deus do fogo e da metalurgia, filho de Júpiter e Juno). A tarefa de Jasão seria, após subjugá-los, fazê-los arar um campo consagrado a Marte (deus da guerra).

¹⁷ Essas sementes consistiam, na verdade, nos dentes de um dragão que fora morto por Cadmo, na ocasião em que fundara a cidade de Tebas. Antes de lançar as bases da cidade, Cadmo enviara seus homens para que buscassem água em um campo vizinho, consagrado a Marte. Contudo, um dragão, filho desse deus com Vênus, devorou-os. Cadmo, a fim de vingiar a morte de seus companheiros, matou o dragão e recolheu seus dentes.

¹⁸ Referência ao dragão com corpo de serpente que era guardião do velo de ouro.

¹⁹ Creúsa: nova esposa de Jasão.

²⁰ Creonte: pai de Creúsa e rei de Corinto.

²¹ Referência a Calciope.

aos fogos exalados e às faces queimadas⁸ dos bois!⁹
 Que tivesse lançado as sementes e sentido outros tantos inimigos,
 para que sucumbisse o próprio cultivador por seu cultivo.
 Que perfídia, criminoso, contigo teria perecido!
 Quantos males teriam sido afastados de minha cabeça! 20
 Há certo prazer em censurar um favor a um ingrato;
 usufruirei isto: obterei só estas alegrias de ti.
 Mandado a voltar a popa inexperienced aos colcos,
 penetraсте os felizes domínios da minha pátria.
 Ali Medeia foi o que tua nova esposa agora é. 25
 Quanto o pai dela é rico, tanto o era o meu.
 Este¹⁰ o Éfiro entre dois mares,¹¹ aquele tudo comanda
 até a Cítia¹² nevada, onde está a plaga esquerda do Ponto.¹³
 Eetes¹⁴ recebe os jovens pelagos¹⁵ como hóspedes
 e pousais os corpos gregos nas camas pintadas. 30
 Então eu te vi, então comecei a saber quem eras:
 aquele foi o primeiro colapso de minha mente.
 Quando te vi, arruinei-me; e com fogos ignotos ardi,
 como arde a tocha de pinho junto aos grandes deuses. 35
 E eras formoso, e meu destino me tragava:
 teus olhos arrebataram meus luzeiros.

⁸ Embora o termo empregado na edição do texto utilizada para a tradução (OVIDE. *Les Héroïdes*. Traduction par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932) seja *adunca* ('curva' / 'recurvada'), julgamos mais adequado o termo *adusta* ('queimada'), presente nas seguintes versões: OVIDIO. *Lettere di eroine*. Milano: Rizzoli, 1998; OVIDIVS. *Amores; Epistulae; Medicamina faciei femineae; Ars amatoria; Remedia amoris*. R. Ehwald. editit ex Rudolphi Merkeill recognitione. Leipzig: B. G. Teubner, 1907 (Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?jseessionid=239855291CB9523CB5A2E59EACE16E71?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%30DEP.%3Apoem%3D12>>. Acesso em: 27 mar. 2010), uma vez que o adjetivo se refere à face de bois que exalam fogos pelas narinas (cf. v. 41-44: *Martis erant: tauri plus, quam per cornua, saevi; quorum terribilis spiritus ignis erat; / aere pedes solidi, praetentaque naribus aera, / nigra per adflatus haec quoque facta suos*).

⁹ Preferimos adotar a exclamação presente nas versões italiana e alemã supracitadas à interrogação da edição francesa do texto, já que o período, a nosso ver, expressa um desejo, e não uma dúvida.

¹⁰ Os pronomes demonstrativos utilizados não se referem à localização interna ao discurso, mas fazem referência espacial externa. Assim, uma vez que Medeia escreve a carta no momento em que estaria em Corinto, o pronome demonstrativo de primeira pessoa (*hic*) remete ao pai de Creúsa, ao passo que o pronome demonstrativo de terceira pessoa (*ille*) empregado neste mesmo verso é atribuído ao pai de Medeia.

¹¹ Éfiro: antigo nome da cidade de Corinto, localizada no istmo que liga a Grécia do Norte ao Peloponeso e separa os golfos de Corinto (mar Jônico) e de Saronikós (mar Egeu).

¹² Cítia: região localizada no norte da Eurásia.

¹³ Ponto: referência ao Ponto Euxino, isto é, ao mar Negro.

¹⁴ Eetes: rei da Cólquida e pai de Medeia.

¹⁵ Pelagos: nome atribuído aos primeiros habitantes da Grécia, que ocupavam a Tessália, região donde Jasão era proveniente.

e tudo repleto com minhas lágrimas.	
Roga ajuda aos mínias: ²² uma pede e outra terá.	65
Damos ao jovem Esoniada aquilo que ela roga.	
Há um bosque escuro de abetos ²³ e ramos de azinheira: ²⁴	
a custo é permitido aos raios de sol entrar ali.	
Nele estão – e estiveram por muito tempo – os santuários de Diana: ²⁵	
a deusa áurea ergue-se, feita por bárbara mão.	70
Ignoro se os lugares desapareceram comigo. ²⁶ Fomos para lá;	
assim começaste primeiro a falar com a boca enganadora:	
"O direito e o arbítrio sobre nossa salvação a sorte a ti	
confiou: e em tua mão, tanto a vida quanto a morte,	
basta poder destruir, se a alguém esse poder apraz;	75
mas, preservado, serei uma glória maior para ti.	
Pelas nossas desgraças suplico, das quais podes ser o alívio,	
pela estirpe e nome do avô que tudo vê,	
pelo semblante e pelos ritos secretos da tríplice Diana, ²⁷	80
e, se porventura este povo tem outros deuses,	
ó virgem, misericórdia de mim, misericórdia dos meus!	
Faze-me eternamente teu pelos favores!	
Se acaso não desdenhas um pelasso por marido,	
(mas como os deuses me seriam tão favoráveis e amigos?)	85
antes meu espírito se desvaneça em tênues ares	
que alguma esposa, senão tu, esteja em meu leito.	
Juno ²⁸ seja testemunha, preposta aos ritos conjugais,	
e a deusa em cujo templo marmóreo estamos".	
Estas palavras (e que ínfima parte elas são?) comoveram	
o coração da jovem ingênua, a destra uniu-se à minha destra.	90

²² *Mínias*: povo que descendia de Mínias, rei da cidade de Orcômeno, na Beócia (região da Grécia localizada entre os golfos de Corinto e Eubeia). A cidade de Jasão era colônia de Orcômeno.

²³ *Abeto*: tipo de árvore conífera do centro e do sul da Europa, semelhante a um pinheiro.

²⁴ *Azinheira*: tipo de árvore característica da região Mediterrânea da Europa e do norte da África, do mesmo gênero dos carvalhos.

²⁵ *Diana*: deusa da caça e da lua, filha de Júpiter e Latona e irmã gêmea de Apolo.

²⁶ Como se trata de uma construção de interrogativa indireta, eliminamos a interrogação presente no texto latino da edição francesa utilizada.

²⁷ *Tríplice Diana*: referência a Hécate, considerada deusa da magia e da noite, sendo muitas vezes associada a Diana (embora essa se referisse à lua). O adjetivo tríplice deve-se ao fato de Hécate ser representada com três corpos e três cabeças ou com um corpo e três cabeças.

²⁸ *Juno*: deusa do lar e do matrimônio, esposa de Júpiter.

Vi ainda lágrimas: porventura também nelas há parte da fraude?

Assim, menina, depressa fui aprisionada por tuas palavras.

Atreias os touros de pés de bronze com corpo não queimado,²⁹ fendes a sólida terra com o arado imposto.

Enches os campos com dentes envenenados em vez de sementes, e nascem soldados portando espadas e escudos.

Eu própria, que dera as poções, assentei-me pálida,

quando vi, de súbito, os homens empunharem armas;

até que os irmãos terrígenas, fato extraordinário,

entre si travaram combate a mão armada.³⁰ 100

Eis o dragão sempre atento, eriçado pelas escamas crepitantes, sibila, e com o peito sinuoso, varre a terra.

Onde então as riquezas do dote? Onde então tua real esposa?

E o istmo que separa as águas dos gêmeos mares?

Eu, que enfim tornei-me bárbara para ti, 105

agora sou pobre para ti, agora pareço prejudicial para ti,

submeti os olhos flâmeos a um sono enfeitado,

e, para ti, dei em segurança o velo para roubares.

Meu pai foi traído; abandonei o reino e a pátria;

tolerei que qualquer exílio fosse um favor.

Minha virgindade tornou-se presa de um ladrão estrangeiro; 110

a ótima irmã, abandonada com a querida mãe!

Mas não te abandonei, irmão, sem mim ao fugir:

minha carta se cala nesta única parte.³¹

O que ousei fazer, minha destra não ousa escrever; 115

assim eu, mas contigo, deveria ser dilacerada.

Nem, todavia, receei (o que, na verdade, após isso eu temeria?)

²⁹ O texto latino gera uma dupla interpretação, de modo que o "corpo não queimado" (*inaudusto corpore*) pode ser de Jasão ou dos próprios touros. No primeiro caso, Jasão atralaria os touros que soltam fogos pelas narinas sem que esses o queimassem durante a realização da tarefa; realizando-a, pois, com seu corpo incólume. Por um lado, a estrutura sintática reforça a segunda interpretação, uma vez que a expressão "corpo não queimado" situa-se entre os termos *aeripedes* ('de pés de bronze'), referente aos touros, e *tauros*. Contudo, o contexto corrobora o fato de o corpo não queimado ser de Jasão, visto que os touros (cf. v. 16) apresentam faces queimadas. Ora, se suas faces são vulnérveis ao próprio alento de fogo, os seus corpos não poderiam ser não queimados.

³⁰ Medeia revelou a Jasão que, para superar os soldados nascidos da terra, deveria lançar uma pedra no meio deles, uma vez que assim lhes excitaria o furor, fazendo-os lutarem entre si.

³¹ Alusão ao fato de Medeia, em sua fuga com Jasão, ter com a ajuda deste, estrangulado seu irmão Apsirto e, em seguida, dilacerado seus membros, a fim de retardar a perseguição do rei Eetes, pai de Medeia.

confiar-me ao mar, mulher e já culpada.	120	mas, para mim, mais pungentes que a tuba fúnebre, e apavorei-me; nem ainda julgava ser tamanho o crime: contudo, gelava-se-me todo o peito.	140
Onde está o Nume? Onde os deuses? Soframos em alto-mar, tu, as merecidas penas da fraude, eu, da credulidade.	120	A turba precipita-se; e "Hímen!", clama, "Himeneu", celebra; quanto mais próxima é a voz, tanto pior era para mim.	145
Quisera que as Simplégades ³² nos tivessem esmagado juntos, e que meus ossos aderissem aos teus ossos;	125	Os escravos choravam longe e ocultavam as lágrimas. Quem desejaria ser mensageiro de tamanho mal?	150
ou que Cila ³³ voraz nos tivesse enviado aos cães para ser comidos! Foi dever de Cila causar a morte dos homens ingratos.	125	Também a mim, mais aprazia ignorar o que quer que fosse: mas, como se soubesse, minha mente estava infeliz.	150
E a que vomita tantas ondas e de novo engole outras tantas, ³⁴ tivesse-nos também afundado nas águas trinácias! ³⁵	130	Quando o menor dos meninos, mandado e curioso, deteve-se sob a soleira da dupla porta.	155
Salvo e vencedor, voltas para as cidades hemônias; ³⁶ a áurea lâ é oferecida aos pátrios deuses. ³⁷	130	Ele me diz: "Mãe, sai; meu pai Jasão conduz o cortejo; ⁴¹ e, em ouro, incita cavalos atrelados".	160
Por que referirei as filhas de Pélias, culpadas por devoção, e aos membros paternos cortados por mão virginal? ³⁸	135	Logo, rasgada a veste, bati em meu peito; nem a face foi poupada por meus dedos.	165
Que os outros me culpem, é necessário que me louves, tu, por quem tantas vezes fui impelida a ser culpada.	135	O espírito exortava a ir para o movimento do meio da turba e a tomar a grinalda roubada à composta cabeleira.	165
Ousaste (ó! Palavras cabíveis faltam à legítima dor), ousaste dizer: "Retira-te da casa de Éson!" ³⁹	135	A custo me contive, assim, de cabelos arrancados, para que não gritasse: "É meu!", nem lançasse as mãos.	165
Ordenando-me, retirei-me da casa em companhia dos dois filhos e do teu amor, que sempre me segue.	135	Pai injuriado, alegra-te; colcos abandonados, alegrai-vos; sombros do irmão, tomai-me como vítima sacrificial.	165
Quando, subitamente, o cântico do Himeneu ⁴⁰ a nossos ouvidos chega, as tochas cintilam com o fogo aceso,	135	Estou abandonada, perdidos o reino, a pátria, o lar e o marido, que, em si, era tudo para mim.	165
a flauta vos espalha melodias conjugais,	135	Pode domar, então, serpentes e touros furiosos, mas não pode um único homem?	165
		E eu, que repeli violentos fogos com sábias poções, não sou forte para escapar eu mesma de minhas chamas?	165
		Os próprios encantamentos, ervas e artes me abandonam? Nada a Deusa, ⁴² nada valem os rituais da poderosa Hécate? ⁴³	165
		O dia não me é agradável, as noites são veladas com amargura. E nem o brando sono assiste em meu peito infeliz.	165

³² *Simplégades*: duas grandes rochas, localizadas à entrada do Ponto (mar Negro), que se entrechocavam, impedindo a passagem das embarcações.

³³ *Cila*: ninfa transformada em monstro marinho pela feiticeira Circe. Com horror de sua nova forma, Cila atirou-se ao mar e passou a viver entre os rochedos próximos ao estreito da Sicília, atraindo e devorando os navios que por ali passavam. Cila possuía seis garras, seis goelas e seis cabeças; de seu corpo, ao redor da cintura, saía uma malilha de cães que aterrorizava os viajantes com seus uivos.

³⁴ Referência a Caribdes, filha de Netuno e da Terra, fulminada por Júpiter e enviada para um abismo no estreito da Sicília em razão de ter roubado os bois de Hércules. Viviu no rochedo em frente ao de Cila e, três vezes por dia, sorvia as ondas do mar para depois cuspi-las também três vezes.

³⁵ *Trinácia*: outro nome atribuído à Sicília, devido à sua forma triangular.

³⁶ *Hemônia*: referência à Tessália, outrora assim denominada.

³⁷ Adotamos aqui a variante presente nas versões alemã e italiana (*deos*), na medida em que a variante da edição francesa (*leos*) não apresenta sentido.

³⁸ Pélias, tio de Jasão, havia usurpado o trono da Tessália e exigira de Jasão o velo de ouro para que lhe cedesse o trono. Como Pélias demorasse em cumprir sua promessa, Medeia auxiliou Jasão, fazendo com que as próprias filhas de Pélias trucidassem seu pai. Medeia havia rejuvenescido Éson, pai de Jasão, e persuadira as filhas de Pélias a também rejuvenescerem seu pai. Para tal, ordenou-lhes que cortassem o pai em pedaços e o colocassem em uma caldeira de água fervente, na qual Medeia o deixou até que fosse completamente consumido pelo fogo.

³⁹ *Éson*: pai de Jasão.

⁴⁰ Referência ao casamento de Jasão e Creúsa.

⁴¹ A cerimônia do casamento envolvia sacrifícios, auspícios e, além disso, uma prática denominada *deductio*. De acordo com ela, a noiva era conduzida da casa do pai à do noivo por meio de uma simulação de rapto. Isso, em Roma, era feito à noite, com tochas e cantos, sob a proteção da deusa Juno Domitica.

⁴² Referência a Diana.

⁴³ Cf. nota 27.

Pude adormecer o dragão, e não posso a mim. Meu cuidado é mais útil a quem quiseres do que a mim. Uma amante abraça os membros que eu salvei: e ela possui os frutos do meu esforço. Talvez também, ao buscares vangloriar-te à estulta esposa, e falar palavras adequadas a ouvidos injustos, inventes novas calúnias contra minha aparência e meus costumes. Ria, e que se alegre com meus defeitos; ria, e jaza altiva em púrpura tíria. ⁴⁴ chorará e superará queimada meus ardores. Enquanto existirem ferro, chamas e sumo venenoso, nenhum inimigo de Medeia ficará impune. Se acaso as súplicas tocam um peito férreo, escuta agora palavras menores que meu espírito. A ti sou tão suplicante quanto muitas vezes foste a mim, e não tardo a me prostrar aos teus pés. Se sou para ti de pouco valor, volta os olhos para os filhos comuns: a madrastra cruel maltratará os que dei à luz. E são em demasia semelhantes a ti, sou tocada por teu semblante e quantas vezes vejo, meus olhos se molham. Pelos deuses supremos, pelas luzes da chama ancestral, pelos favores e pelos dois filhos, nosso penhor, suplico, devolve o leite, pelo qual, insana, abandonei tantas coisas; acrescenta fidelidade às palavras e restitui o auxílio. Eu não te imploro contra os touros e os homens; e que a serpente repouse vencida por teu recurso. Peço a ti, que mereci, que tu próprio nos deste, com quem, sendo pai, eu igualmente me tornei mãe. Perguntas onde está o dote? Contamos naquele campo que devia ser arado por ti pronto a levar o vello. Aquele áureo carneiro, notável por seu pelo espesso, é meu dote; se eu te dissesse "Devolve-o!", negarias.	175	Meu dote és tu são e salvo; meu dote é a juventude grega. Vai agora, ímprobo, reúne as riquezas sisífiás ⁴⁵ Que vivas, que tenhas uma esposa e um sogro poderoso, mesmo isto, que ⁴⁶ possas ser ingrato, é meu. Os quais sem dúvida logo!... ⁴⁷ Mas em que interessa anunciar a pena? A ira gera enormes ameaças. Para onde a ira impelir, seguirei. Provavelmente me arrependerei do [ato?]	205
	180	Também me arrependo de ter-me ocupado de um marido infiel. Perceberá estas coisas o deus que agora revolve o meu peito; decerto desconheço o que minha mente prepara de maior!	210
	185		
	190		
	195		
	200		

⁴⁵ *Sisífiás*: referentes a Corinto, terra de Creonte, pai de Creúsa. Sísifo foi o fundador e primeiro rei de Corinto. Ficou conhecido sobretudo em razão de sua astúcia e espreiteza.

⁴⁶ Ainda que o termo empregado na edição francesa utilizada para a tradução seja *quo*, optamos, em concordância com as versões italiana e alemã, pelo uso do termo *quod*. Essa escolha se justifica não apenas pelo sentido, mas também pelo paralelismo do texto, uma vez que *quod* foi empregado no verso anterior.

⁴⁷ Visto que ao longo de sua carta Medeia constrói uma imagem positiva de si mesma a fim de obter o retorno de Jasão, ela não menciona os crimes e atrocidades que irá cometer, somente os sugestivos, como nesse trecho. Na verdade, Medeia, para se vingar da infidelidade e do abandono de Jasão, assassinou os dois filhos que tivera com ele, envenenou Creúsa e seu pai Creonte e incendiou o palácio deles.

⁴⁴ *Tíria*: região (atualmente pertencente ao Líbano) banhada pelo Mediterrâneo oriental, de onde se considerava ser extraído o melhor pigmento púrpura da Antiguidade.

Dido Aeneae

Accipe, Dardanide, moriturae carmen Elissae; quae legis a nobis ultima verba legis; sic, ubi fata vocant, udis abiectus in herbis, ad vada Maeandri concinit albus olor.	5
Nec, quia te nostra sperem prece posse moveri, adloquor – adverso movimus ista deo; – Sed merita et famam corpusque animumque pudicum cum male perdidit, perdere verba leve est. Certus es ire tamen miseramque relinquere Didon, atque idem venti vela fidemque ferent.	10
Certus es, Aenea, cum foedere solvere naves, quaeque ubi sint nescis, Italia regna sequi. Nec nova Carthago, nec te crescentia tangunt moenia, nec sceptro tradita summa tuo.	15
Facta fugis, facienda petis. Quaerenda per orbem altera, quaesita est altera terra tibi. Vt terram invenias, quis eam tibi tradet habendam? Quis sua non notis arva tenenda dabit?	
Alter amor tibi restat, habenda est altera Dido? Quamque iterum fallas, altera danda fides? Quando erit, ut condas instar Carthaginiis urbem, et videas populos altus ab arce tuos? Omnia si veniant, nec di tua vota morentur,	20

unde tibi, quae te sic amet, uxor erit? Vror ut inducto ceratae sulphure taedae, ut pia fumosis addita tura focus. Aeneas oculis semper vigilantis inhaeret, Aeneamque animo noxque diesque refert. Ille quidem male gratus, et ad mea munera surdus, et quo, si non sim stulta, carere velim. Non tamen Aeneam, quamvis male cogitat, odi; sed queror infidum, quaeque peius amo. Parce, Venus, nurui; durumque amplectere fratrem, Frater Amor: castris militet ille tuis. Atque, ego quem coepi, neque enim dedignor, amare, materiam curae praebere ille meae. Fallor, et ista mihi falso iactatur imago. Matris ab ingenio dissidet ille suae. Te lapis et montes innataque rupibus altis robora, te saevae progenuere ferae; aut mare, quale vides agitari nunc quoque ventis, quo tamen adversis fluctibus ire paras. Quo fugis? Obstat hiems: hiemis mihi gratia prosit. Adspice ut eversas concitet Eurus aquas. Quod tibi malueram, sine me debere procellis: iustior est animo ventus et unda tuo. Non ego sum tanti (quamvis merearis, inique), ut pereas, dum me per freta longa fugis. Exerces pretiosa odia et constantia magno, si dum me careas, est tibi vile mori. Iam venti ponent, strataque aequaliter unda, caeruleis Triton per mare curret equis. Tu quoque cum ventis utinam mutabilis esses! Et, nisi duritie robora vincis, eris. Quid! si nescieris insana quid aequora possint? Expertae toties tam male credis aquae? Vt pelago suadente etiam retinacula solvas,	25 30 35 40 45 50 55	multa tamen latus tristitia pontus habet. Nec violasse fidem tentantibus aequora prodest: perfidiae poenas exigit ille locus, praecipue cum laesus Amor; quia mater Amorum nuda Cytheriacis edita fertur aquis. Perdita ne perdam timeo, noceamve nocenti; neu bibat aequoreas naufragas hostis aquas. Vive, precor; sic te melius quam funere perdam: tu potius leti causa ferare mei. Finge, age, te rapido (nullum sit in omine pondus!) turbine deprendi; quid tibi mentis erit? Protinus occurrent falsae periuria linguae, et Phrygia Dido fraude coacta mori. Coniugis ante oculos deceptae stabit imago tristis et effusis sanguinolenta comis. quaeque cadent, in te fulmina missa putes. Da breve saevitiae spatium pelagique tuaeque: grande morae pretium tuta futura via est. Nec mihi tu curae, puero parcaturo Iulo. Te satis est titulum mortis habere meae. Quid puer Ascanius, quid di meruere Penates? Ignibus ereptos obruet unda deos? Sed neque fers tecum; nec, quae mihi, perfide, iactas, presserunt humeros sacra paterque tuos. Omnia mentiris; nec enim tua fallere lingua incipit a nobis, primaque plector ego. Si quaeras ubi sit formosi mater Iuli, occidit, a duro sola relicta viro! Haec mihi narraras, non me movere: merentem ure, minor culpa poena futura mea est: nec mihi mens dubia est quin te tua numina damnent: per mare, per terras septima iactat hiems. Fluctibus electum tuta statione recepi,	60 65 70 75 80 85 90
---	--	---	--

vixque bene audito nomine, regna dedi. His tamen officiis utinam contenta fuisset, et mihi concubitus fama sepulta foret! Illa dies nocuit, qua nos declive sub antrum caeruleus subitis compulit imber aquis. Audieram vocem; Nymphas ululasse putavi: Eumenides fatis signa dedere meis. Exige, laese pudor, poenas, violate Sichaeo, ad quem, me miseram! plena pudoris eo. Est mihi marmorea sacratus in aede Sichaeus; adpositae frondes velleraque alba tegunt. Hinc ego me sensi noto quater ore citari; ipse sono tenui dixit: "Elissa, veni". Nulla mora est: venio, venio tibi debita coniux, sed tamen admissi tarda pudore mei. Da veniam culpae; decepti idoneus auctor: invidiam noxae detrahit ille meae. Diva parens, seniorque pater, pia sarcina nati, spem mihi mansuri rite dedere tori. Si fuit errandum, causas habet error honestas: adde fidem, nulla parte pigendus erit. Durat in extremum, vitaeque novissima nostrae prosequitur fati, qui fuit ante, tenor. Occidit internas coniux mactatus ad aras, et sceleris tanti praemia frater habet. Exul agor, cineresque viri patriamque relinquo et feror in duras, hoste sequente, vias. Applicor ignotis, fratricque elapsa fretoque, quod tibi donavi, perfide, litus emo. Vrbem constitui lateque patentia fixi moenia, finitimis invidiosa locis. Bella tument: bellis peregrina et femina tentor, vixque rudes portas urbis et arma paro. Mille procis placui, qui me colere, quereutes	95	100	105	110	115	120	125
nescio quem thalamis praeposuisse suis. Quid dubitas vinctam Gaetulo tradere Iarbae? Praebuerim sceleris brachia nostra tuo. Est etiam frater, cuius manus impia poscit respergi nostro, sparsa cruore viri. Pone deos, et quae tangendo sacra profanas: non bene coelestes impia igne futurus, Si tu cultor eras elapsis igne futurus, poenitet elapsos ignibus esse deos. Forsitan et gravidam Dido, scelerate, relinquis, parsque tui lateat corpore clausa meo. Accedet fatis matris miserabilis infans, et nondum nato funeris auctor eris. Cumque parente sua frater morietur Iuli, poenaque connexos auferet una duos. Sed iubet ire deus! Vellem, vetuisset adire; Punica nec Teucris pressa fuisset humus. Hoc duce nempe deo, ventis agitaris iniquis, et teris in rapido tempora longa freto. Pergama vix tanto tibi erant repetenda labore, Hectore si vivo quanta fuere, forent. Non patrium Simoenta petis, sed Tybridas undas. Nempe, ut pervenias quo cupis, hospes eris; utque latet refugitque tuas obrusa carinas, vix tibi continget terra petita seni. Hos populos potius in dotem, ambage remota, accipe, et advectas Pygmalionis opes. Ilion in Tyriam transfer felicius urbem: sisque loco regis sceptraque sacra tene. Si tibi mens avida est belli, si quaerit Iulus unde suo partus Marte triumphus eat, quem superet, ne quid desit, praebebimus hostem: hic pacis leges, hic locus arma capit. Tu modo, per matrem, fraternaque tela, sagittas,	130	135	140	145	150	155	

perque fugae comites, Dardana sacra, deos
(sic superent, quoscumque tua de gente reportas,
Mars ferus et damnis sit modus ille tuis,
Ascaniusque suos feliciter impleat annos,
et senis Anchisae molliter ossa cubent!)

160 Parce, precor, domui, quae se tibi tradit habendam.
Quod crimen dicis, praeter amasse, meum?
Non ego sum Phthias magnisque oriunda Mycenis;
nec steterunt in te virque paterque meus.

165 Si pudet uxoris, non nupta, sed hospita dicar:
dum tua sit Dido, quidlibet esse feret.
Nota mihi freta sunt Afrum frangentia litus:
temporibus certis dantque negantque viam.
Cum dabit aura viam, praebebis carbasa ventis.
Nunc levis eiectam continet alga ratem.
Tempus ut observem manda mihi, serius ibis,
nec te, si cupies ipse, manere sinam.
Et socii requiem poscunt, laniataque classis
postulat exiguas semirefecta moras.
Pro meritis, et si qua tibi praebimus ultra,
pro spe coniugii, tempora parva peto:
dum freta mitescant et amor, dum tempore et usu
fortiter edisco tristia posse pati.
Si minus, est animus nobis effundere vitam.
In me crudelis non potes esse diu...

175 Adspicias utinam quae sit scribentis imago!
Scribimus, et gremio Troicus ensis adest;
perque genas lacrimae strictum labuntur in ense,
qui iam pro lacrimis sanguine tinctus erit.
Quam bene conveniunt fato tua munera nostro!
Instruis impensa nostra sepulcra brevi.
Nec mea nunc primo feriuntur pectora telo:
ille locus saevi vulnus Amoris habet.
Anna soror, soror Anna, meae male conscia culpae,

iam dabis in cineres ultima dona meos.
Nec consumpta rogis inscribar: "Elissa Sychaei!"
Hoc tamen in tumuli marmore carmen erit:
"Praebuit Aeneas et causam mortis et ense;
ipsa sua Dido concidit usa manu"

Dido a Eneias



A morte de Dido

Peter Paul Rubens.

Óleo sobre tela (adaptado).

Fonte: <<http://www.getty.edu/art/gettyguide/artObjectDetails?artobj=535>>.
Acesso em: 10 mar. 2011.

Recebe, ó Dardânida,¹ o canto da morrente Elisa,²
palavras que lés como minhas últimas;

assim, quando o destino chama, prostrado na úmida relva
junto aos vaus do Meandro,³ canta o cisne branco.

E não com a esperança de demover-te com minhas súplicas
a ti me dirijo – faço-o mesmo sendo contrário um deus.

Mas, como os méritos, o renome, o corpo e o espírito puro
já perdi vergonhosamente, perder palavras é pouco.

Estás, todavia, certo de ir-te e deixar a infeliz Dido,
e os mesmos ventos levar-te-ão as velas e as promessas.

Estás, Eneias, certo de soltar as naus e, com elas, nossa aliança,
e de perseguir os reinos itálicos que não sabes onde ficam.

Nem a nova Cartago,⁴ nem suas muralhas crescentes te comovem,
nem as supremas coisas entregues a teu cetro.

Foges às obras já feitas, buscas as que estão por fazer,
uma terra há de ser buscada pelo mundo, a outra já foi conquistada

[por ti.

Ainda que encontres uma terra, quem ta entregará para que a tenhas?

¹ *Dardânida*: referência ao povo descendente de Dárdano, filho de Zeus e Electra, que, segundo a mitologia grega, fundou a cidade de Dardânia, localizada no Helesponto (atualmente Dardanelos), e deu nome a toda a região e ao povo dali. Eneias, portanto, era descendente de Dárdano.

² *Elisa*: (ou Dido) princesa fenícia, filha do rei de Tiro. É fundadora e rainha lendária de Cartago, onde aportou fugida de sua terra natal após o assassinio de Siqueu, seu marido.

³ *Meandro*: rio que nasce no centro-oeste da Turquia e deságua no mar Egeu.

⁴ *Cartago*: cidade portuária do norte da África, atual Tunísia, que disputou a hegemonia do mar Mediterrâneo com Roma entre os séculos III e II antes da era cristã. Era uma potência militar e econômica e foi completamente destruída por Roma na chamada Terceira Guerra Púnica, em 146 a.C.

Quem dará seus campos a desconhecidos para possuí-los? Resta-te outro amor, outra Dido há de ser tida?	20	se, contanto que não me tenhas, tua morte não te importa. Logo os ventos cessarão e, as ondas por igual apaziguadas, Tritão ⁸ correrá pelo mar com cavalos azuis. Gostaria que também fosses mutável com os ventos! E, se não ganhas do carvalho em dureza, serás. Que, se não conhecesses o que pode o mar insano?	50
Quando ocorrerá de fundares uma cidade como Cartago, e, no alto, veres teus povos de uma cidadela? Se tudo ocorrer, se os deuses não detiverem teus desejos, de onde terás uma esposa que te ame tanto assim?	25	Embora, persuadindo-te o mar, ainda soltes os cabos, muitas tristezas o imenso mar possui. Nem aproveita a quem tenteia o mar ter violado uma promessa: aquele lugar cobra as penas da perfídia, sobretudo quando o Amor foi ferido, pois a mãe dos Amores nua se diz ter nascido das águas de Citera. ⁹	55
Ardo como tochas enceradas e embebidas em enxofre, como incensos sagrados em altares incandescentes. Eneias sempre está presente a meus olhos despertos, e a noite e o dia trazem Eneias ao meu espírito. Ele é de fato ingrato e surdo aos meus dons, e dele, não fosse estulta, desejaria estar distante. Não odeio Eneias, porém, embora ele tenha maus pensamentos, mas me queixo do infiel, e, queixando-me, amo-o mais. Poupa, Vênus, ⁵ tua nora; e abraça teu duro irmão, ó Amor irmão: ⁶ seja ele soldado em teu acampamento! Nem desdenho amar a quem comecei, que ele me dê motivos de preocupação! Engano-me, e essa imagem me acomete falsamente: ele difere do caráter de sua mãe. A ti uma pedra, montes, carvalhos nascidos em altos rochedos, a ti feras cruéis geraram; ou o mar, qual o vês ainda agora agitado pelos ventos, e aonde, contudo, preparas-te para ir à revelia das ondas. Para onde foges? A tempestade obsta: valha-me o favor da tempestade! Nota como o Euro ⁷ agita as águas revoltas. Aquilo que eu preferira a ti, deixa-me dever às procelas. Vento e onda são mais justos que teu peito. Não valho tanto que (embora o mereças, cruel!) morras enquanto por vastos mares foges de mim. Cultivas ódios dispendiosos e que custam muito	30	Perdida, temo perder ou prejudicar quem prejudica. Nem meu inimigo no mar beba águas ruinsas! Vive, suplico! Antes te perder assim que morto: digam-te de preferência a causa de minha morte. Imagina, eia, que por impetuosa (peso algum tenha tal agouro!) voragem és apanhado; em que pensarás? Logo te ocorrerão os perjúrios da língua mentirosa e Dido obrigada a morrer por dolo frígio. ¹⁰ A teus olhos se erguerá a imagem da esposa iludida, triste e sanguinolenta, os cabelos em desalinho. "Seja o que for, fiz por merecer, perdão", dirias, e, quaisquer raios que caíssem, julgarias atirados contra ti. Dá algum tempo à brutalidade do mar e à tua: o grande valor da espera é um caminho futuro em segurança. Nem me preocupo mais contigo, poupe-se o pequeno Iulo. ¹¹ Basta que portes o anúncio de minha morte. O que o menino Ascânio, ¹² o que os deuses Penates ¹³ mereceram?	60
	35		65
	40		70
	45		75

⁵ *Vênus*: deusa do amor (equivalente à grega Afrodite).

⁶ *Amor*: Cupido (equivalente ao grego Eros). Era, assim como Eneias, filho de Vênus, daí o tratamento de irmão.

⁷ *Euro*: vento do Oriente; na Antiguidade, por alguns descrito como impetuoso e desgrenhado.

⁸ *Tritão*: deus marinho, filho de Netuno e da ninfa Salácia.

⁹ *Citera*: ilha grega do mar Jônico.

¹⁰ *Frígio*: referência à Frígia, reino localizado na região centro-oeste da atual Turquia.

¹¹ *Iulo*: (ou Ascânio) filho de Eneias e Creúsa.

¹² *Ascânio*: Iulo.

¹³ *Penates*: eram divindades protetoras da "lareira doméstica" responsáveis pelo bem-estar e prosperidade da família.

80	<p>O mar aniquilará os deuses tomados ao fogo. Mas nem os levas contigo, nem, ó pérfido, as alfaías de que a mim te vanglorias pesaram sobre teus ombros com o pai. Mentes em tudo; nem, de fato, tua língua começou a enganar conosco, e eu sou a primeira vítima. Se perguntasses onde está a mãe do belo Iulo, morreu sozinha, abandonada pelo esposo cruel. Isso me narraras, mas não me comoveu: uma merecedora abrasa, o castigo há de ser menor que minha culpa. Nem me resta dúvida de que os teus deuses te condenam: por mar ou por terra te atormenta o sétimo inverno. Pelas ondas arrojado, em um porto seguro, recebi-te e, apenas ouvido o teu nome, a ti meus reinos entreguei. Com esses favores, contudo, oxalá tivesse-me contentado, e tivesse-me sido a notícia do conúbio sepultada. Foi funesto aquele dia em que, a uma gruta profunda, com súbitas águas, a chuva azul nos impeliu. Tinha eu ouvido uma voz; Ninfas¹⁴ tivessem ululado supus: as Eumênides¹⁵ deram presságios do meu destino. Exige, ó pejo ferido, o castigo, e também Siqueu traído, a quem, pobre de mim! cheia de vergonha vou. Tenho Siqueu¹⁶ consagrado em um templo marmóreo; fronde inclinada e velos alvos o cobrem. Daqui eu ouvi ser chamada quatro vezes pela voz conhecida; ele mesmo, em leve tom, disse: "Elisa, vem". Sem demora: vou, vou, cónjuge devida a ti, mas atrasada pela vergonha de meu crime. Perdoa-me a falha; um culpado hábil enganou-me: ele afasta o odioso à minha falta. A Deusa-mãe¹⁷ e o pai idoso, fardo pio do filho,</p>	110
85	<p>deram-me a esperança de um laço regular e duradouro. Se se teve de errar, o erro tem causas nobres. Acrescenta-lhe a fidelidade, e em nada dará pesar. Dura até o fim e acompanha os últimos momentos de minha vida o desenrolar fatal que antes havia. O marido morreu sacrificado aos altares domésticos, e meu irmão aproveitou de tamanho crime. Impelem-me ao exílio, as cinzas do varão e a pátria abandono, e arrastam-me, em perseguição hostil, a duros caminhos. Vou dar a estranhos, em fuga do irmão e do mar, e compro, pérfido, a margem que a ti presenteei. Uma cidade ergui: plantei, vastamente abertas, muralhas detestáveis aos povos vizinhos. Fermentam guerras: estrangeira e mulher, sou testada por guerras, e a custo preparo as toscas portas da cidade e as armas. Agradei a mil pretendentes, que se conjuraram, queixando-se de eu ter preferido um qualquer ao leito deles. Por que hesitas em dar-me acorrentada ao gétulo Iarbas?¹⁸ Eu ofereceria meus braços a teu crime. Tenho ainda um irmão, cuja mão ímpia pede, banhada pelo sangue do esposo, manchar-se com o meu. Depõe os deuses e as alfaías que, tocando, profanas: não bem cultua mão ímpia os celícolas. Se tu te tornarias sacerdote dos escapes ao fogo, dá pesar aos deuses terem escapado do fogo. Talvez, bandido, também deixes Dido grávida, e uma parte de ti se esconda, cerrada em meu corpo. Seguirá a sina da mãe uma criança infeliz, e causarás a morte de quem ainda não nasceu. E, com sua mãe, o irmão de Iulo morrerá, um único castigo aniquilará os dois juntos. Mas um deus ordena partir! Eu gostaria que tivesse proibido vires,</p>	115
90	<p>deram-me a esperança de um laço regular e duradouro. Se se teve de errar, o erro tem causas nobres. Acrescenta-lhe a fidelidade, e em nada dará pesar. Dura até o fim e acompanha os últimos momentos de minha vida o desenrolar fatal que antes havia. O marido morreu sacrificado aos altares domésticos, e meu irmão aproveitou de tamanho crime. Impelem-me ao exílio, as cinzas do varão e a pátria abandono, e arrastam-me, em perseguição hostil, a duros caminhos. Vou dar a estranhos, em fuga do irmão e do mar, e compro, pérfido, a margem que a ti presenteei. Uma cidade ergui: plantei, vastamente abertas, muralhas detestáveis aos povos vizinhos. Fermentam guerras: estrangeira e mulher, sou testada por guerras, e a custo preparo as toscas portas da cidade e as armas. Agradei a mil pretendentes, que se conjuraram, queixando-se de eu ter preferido um qualquer ao leito deles. Por que hesitas em dar-me acorrentada ao gétulo Iarbas?¹⁸ Eu ofereceria meus braços a teu crime. Tenho ainda um irmão, cuja mão ímpia pede, banhada pelo sangue do esposo, manchar-se com o meu. Depõe os deuses e as alfaías que, tocando, profanas: não bem cultua mão ímpia os celícolas. Se tu te tornarias sacerdote dos escapes ao fogo, dá pesar aos deuses terem escapado do fogo. Talvez, bandido, também deixes Dido grávida, e uma parte de ti se esconda, cerrada em meu corpo. Seguirá a sina da mãe uma criança infeliz, e causarás a morte de quem ainda não nasceu. E, com sua mãe, o irmão de Iulo morrerá, um único castigo aniquilará os dois juntos. Mas um deus ordena partir! Eu gostaria que tivesse proibido vires,</p>	120
95	<p>deram-me a esperança de um laço regular e duradouro. Se se teve de errar, o erro tem causas nobres. Acrescenta-lhe a fidelidade, e em nada dará pesar. Dura até o fim e acompanha os últimos momentos de minha vida o desenrolar fatal que antes havia. O marido morreu sacrificado aos altares domésticos, e meu irmão aproveitou de tamanho crime. Impelem-me ao exílio, as cinzas do varão e a pátria abandono, e arrastam-me, em perseguição hostil, a duros caminhos. Vou dar a estranhos, em fuga do irmão e do mar, e compro, pérfido, a margem que a ti presenteei. Uma cidade ergui: plantei, vastamente abertas, muralhas detestáveis aos povos vizinhos. Fermentam guerras: estrangeira e mulher, sou testada por guerras, e a custo preparo as toscas portas da cidade e as armas. Agradei a mil pretendentes, que se conjuraram, queixando-se de eu ter preferido um qualquer ao leito deles. Por que hesitas em dar-me acorrentada ao gétulo Iarbas?¹⁸ Eu ofereceria meus braços a teu crime. Tenho ainda um irmão, cuja mão ímpia pede, banhada pelo sangue do esposo, manchar-se com o meu. Depõe os deuses e as alfaías que, tocando, profanas: não bem cultua mão ímpia os celícolas. Se tu te tornarias sacerdote dos escapes ao fogo, dá pesar aos deuses terem escapado do fogo. Talvez, bandido, também deixes Dido grávida, e uma parte de ti se esconda, cerrada em meu corpo. Seguirá a sina da mãe uma criança infeliz, e causarás a morte de quem ainda não nasceu. E, com sua mãe, o irmão de Iulo morrerá, um único castigo aniquilará os dois juntos. Mas um deus ordena partir! Eu gostaria que tivesse proibido vires,</p>	125
100	<p>deram-me a esperança de um laço regular e duradouro. Se se teve de errar, o erro tem causas nobres. Acrescenta-lhe a fidelidade, e em nada dará pesar. Dura até o fim e acompanha os últimos momentos de minha vida o desenrolar fatal que antes havia. O marido morreu sacrificado aos altares domésticos, e meu irmão aproveitou de tamanho crime. Impelem-me ao exílio, as cinzas do varão e a pátria abandono, e arrastam-me, em perseguição hostil, a duros caminhos. Vou dar a estranhos, em fuga do irmão e do mar, e compro, pérfido, a margem que a ti presenteei. Uma cidade ergui: plantei, vastamente abertas, muralhas detestáveis aos povos vizinhos. Fermentam guerras: estrangeira e mulher, sou testada por guerras, e a custo preparo as toscas portas da cidade e as armas. Agradei a mil pretendentes, que se conjuraram, queixando-se de eu ter preferido um qualquer ao leito deles. Por que hesitas em dar-me acorrentada ao gétulo Iarbas?¹⁸ Eu ofereceria meus braços a teu crime. Tenho ainda um irmão, cuja mão ímpia pede, banhada pelo sangue do esposo, manchar-se com o meu. Depõe os deuses e as alfaías que, tocando, profanas: não bem cultua mão ímpia os celícolas. Se tu te tornarias sacerdote dos escapes ao fogo, dá pesar aos deuses terem escapado do fogo. Talvez, bandido, também deixes Dido grávida, e uma parte de ti se esconda, cerrada em meu corpo. Seguirá a sina da mãe uma criança infeliz, e causarás a morte de quem ainda não nasceu. E, com sua mãe, o irmão de Iulo morrerá, um único castigo aniquilará os dois juntos. Mas um deus ordena partir! Eu gostaria que tivesse proibido vires,</p>	130
105	<p>deram-me a esperança de um laço regular e duradouro. Se se teve de errar, o erro tem causas nobres. Acrescenta-lhe a fidelidade, e em nada dará pesar. Dura até o fim e acompanha os últimos momentos de minha vida o desenrolar fatal que antes havia. O marido morreu sacrificado aos altares domésticos, e meu irmão aproveitou de tamanho crime. Impelem-me ao exílio, as cinzas do varão e a pátria abandono, e arrastam-me, em perseguição hostil, a duros caminhos. Vou dar a estranhos, em fuga do irmão e do mar, e compro, pérfido, a margem que a ti presenteei. Uma cidade ergui: plantei, vastamente abertas, muralhas detestáveis aos povos vizinhos. Fermentam guerras: estrangeira e mulher, sou testada por guerras, e a custo preparo as toscas portas da cidade e as armas. Agradei a mil pretendentes, que se conjuraram, queixando-se de eu ter preferido um qualquer ao leito deles. Por que hesitas em dar-me acorrentada ao gétulo Iarbas?¹⁸ Eu ofereceria meus braços a teu crime. Tenho ainda um irmão, cuja mão ímpia pede, banhada pelo sangue do esposo, manchar-se com o meu. Depõe os deuses e as alfaías que, tocando, profanas: não bem cultua mão ímpia os celícolas. Se tu te tornarias sacerdote dos escapes ao fogo, dá pesar aos deuses terem escapado do fogo. Talvez, bandido, também deixes Dido grávida, e uma parte de ti se esconda, cerrada em meu corpo. Seguirá a sina da mãe uma criança infeliz, e causarás a morte de quem ainda não nasceu. E, com sua mãe, o irmão de Iulo morrerá, um único castigo aniquilará os dois juntos. Mas um deus ordena partir! Eu gostaria que tivesse proibido vires,</p>	135

¹⁴ *Minífas*: são divindades femininas secundárias da mitologia grega, que habitavam os lagos e riachos, bosques, florestas, prados e montanhas.

¹⁵ *Eumênides*: (também Erínias – Fúrias, para os romanos) divindades ctônicas violentas que encarnavam forças primitivas e personificavam, principalmente, a vingança, o castigo e o remorso.

¹⁶ *Siqueu*: era rei de Tiro, marido e tio de Dido. Foi assassinado por Pigmalião, irmão de Dido.

¹⁷ *Deusa-mãe*: Vênus.

¹⁸ *Iarbas*: (ou Jarbas) filho de Júpiter Ámon e de uma ninfa, era rei dos gétulos. Apesar de ter insistido em se casar com Dido, ela sempre o recusou. Após a morte dela, invadiu Cartago.

e que o chão púnico¹⁹ não tivesse sido pisado por teucros.²⁰
 Guiado, porém, por esse deus, perseguem-te ventos contrários
 e passas longo tempo no mar tempestuoso.
 Dificilmente deverias tornar a Pérgamo²¹ com tanto esforço,
 se, quão grande foi em vida de Heitor,²² estivesse.
 Não buscas o pátrio Simoente,²³ senão águas tiberinas.²⁴
 Mas, quando chegares aonde queres, serás forasteiro;
 oculta, porque se esconde e foge às tuas naus,
 a custo a terra procurada te caberá na velhice.
 Como dote, antes esses povos sem rodeios
 recebe, e as riquezas de Pigmalião²⁵ que eu trouxe.
 Transfere melhor Troia²⁶ para a tíria²⁷ urbe,
 ocupa o posto e segura o cetro sagrado de rei.
 Se tens o peito ávido de guerra, se procura Iulo
 donde vem o triunfo ganho por seu Furor,
 daremos um inimigo que vença, para que nada falte;
 este lugar as leis da paz, ele as armas comporta.
 Tu apenas, por tua mãe, fraternos dardos, setas,
 pelos deuses companheiros da fuga, alfaiais de Dárdano,²⁸
 (assim sobrevivam todos os que trazes de tua gente,
 aquela guerra cruel seja o fim de teus males,
 Ascânio²⁹ acabe felizmente os seus dias,
 e os ossos do velho Anquises³⁰ descansem em pаз!)
 poupa, rogo-te, a casa que te é dada a ter.

De que crime me acusas, além de ter amado?
 Não sou fríade³¹ ou oriunda da grande Micenas,³²

¹⁹ *Púnico*: relativo a Cartago – cartaginês.

²⁰ *Teucros*: o mesmo que "troianos".

²¹ *Pérgamo*: antiga cidade grega da Mísia, região noroeste da atual Turquia.

²² *Heitor*: filho de Príamo e Hécula, foi um príncipe troiano e um dos maiores guerreiros da Guerra de Troia.

²³ *Simoente*: rio de Troia.

²⁴ *Tiberinas*: referência ao rio Tibre, que corta a cidade de Roma.

²⁵ *Pigmalião*: irmão de Dido, a quem é atribuído o assassinio de Siqueu.

²⁶ *Troia*: segundo a mitologia grega, a cidade rival da Grécia que foi completamente destruída na guerra homônima.

²⁷ *Tíria*: referência a Tiro, capital do império fenício.

²⁸ Cf. nota 1.

²⁹ Cf. nota 12.

³⁰ *Anquises*: pai de Eneias.

³¹ *Fríade*: referência à Ftiótida, localizada na região central da Grécia.

³² *Micenas*: cidade localizada no nordeste do Peloponeso que, no segundo milénio, foi uma potência militar e

e não se ergueram contra ti meu marido nem meu pai.
 Se envergonha a esposa, não me chame "mulher", mas "hóspede":
 contanto que Dido seja tua, admitirá ser qualquer coisa. 170
 Conheço os mares que despedaçam o litoral africano:
 em tempos certos, permitem e negam viagem.
 Quando o vento der passagem, entenderás as velas aos ventos.
 Agora, a leve alga retém um navio que se arroja.
 Confia-me que observe o tempo, irás mais tarde, 175
 e não te deixarei ficar, ainda que tu próprio desejes.
 Também os companheiros pedem repouso, e, meio reparada,
 tua frota em pedaços reclama pequena espera.
 Pelos favores, e, se algo mais que isso te oferecerei,
 pela esperança da união, peço-te um átimo: 180
 até que se abrandem o mar e o amor, até que, com tempo e hábito,
 acostume-me corajosa a poder suportar a tristeza.
 Do contrário, tenciono largar a vida.
 Não podes, por longo tempo, ser-me cruel.
 Possas ver qual é a imagem da que escreve! 185
 Escrevo, e a espada troiana está em meu colo;
 e, pelas faces, lágrimas caem na espada desembainhada
 que logo estará tinta de sangue, não de lágrimas.
 Quão bem convêm os teus dons ao meu destino!
 Fazes-me o sepulcro com pouco esforço, 190
 e não é pela primeira seta que meu peito é ferido:
 essa parte já leva uma chaga do cruel Amor.
 Ana³³ irmã, irmã Ana, cúmplice de minha culpa,
 logo darás os últimos dons às minhas cinzas.
 E, devorada pela pira, não me registrem "Elisa de Siqueu", 195
 mas haverá no mármore tumular estes versos:
 "Eneias deu o motivo da morte e a espada;
 a própria Dido sucumbiu por sua mão".

grande centro da civilização helénica.

³³ Ana: (Ana Perena) irmã de Dido.

Canace Macareo

*[Aeolis Aeolidae quam non habet ipsa salutem mittit et armata verba notata manu.]*¹

Si qua tamen caecis errabunt scripta lituris,
oblitus a dominae caede libellus erit.
Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum,
et iacet in gremio charta soluta meo. 5
Haec est Aeolidos fratri scribentis imago;
sic videor duro posse placere patri.
Ipse necis cuperem nostrae spectator adesset,
auctorisque oculis exigeretur opus.
Vt ferus est multoque suis truculentior Euris,
spectasset siccis vulnera nostra genis. 10
Scilicet est aliquid cum saevis vivere ventis:
ingenio populi convenit ille sui.
Ille Noto Zephyroque et Sithonio Aquiloni
imperat, et pennis. Eure proterve, tuis.
Imperat heu! ventis, tumidae non imperat irae,
possidet et vitiiis regna minora suis. 15
Quid iuvat admotam per avorum nomina coelo,
inter cognatos posse referre Iovem?
Num minus infestum, funebria munera, ferrum
feminea teneo, non mea tela, manu?
O utinam, Macareu, quae nos commisit in unum,
venisset leto serior hora meo!
Cur umquam plus me, frater, quam frater amasti?

¹ Versos considerados espúrios por algumas edições.

Et tibi, non debet quod soror esse, fui?	25	pressa refovisti pectora nostra tuis. Et mihi: "Vive, soror, soror o carissima, dixti; vive, nec unius corpore perde duos. Spes bona det vires; fratri nam nupta futura es: illius, de quo mater, et uxor eris". Mortua, crede mihi, tamen ad tua verba revixi: et positum est uteri crimen onusque mei. Quid tibi grataris? media sedet Aeolus aula: crimina sunt oculis subripienda patris. Frondebis infantem ramisque albensis olivae et levibus vittis sedula celat anus; fictaque sacra facit, dicitque precantia verba. Dat populus sacris, dat pater ipse, viam. Iam prope limen erat; patrias vagitus ad aures venit, et indicio proditur ille suo. Eripit infantem, mentitaque sacra revelat Aeolus; insana regia voce sonat. Vt mare fit tremulum, tenui cum stringitur aura, ut quatitur tepido fraxina virga Noto, Sic mea vibrari pallentia membra videres: quassus ab imposito corpore lectus erat. Irruit, et nostrum vulgat clamore pudorem; et vix a misero continet ore manus. Ipsa nihil, praeter lacrimas, pudibunda profudi: torpuerat gelido lingua retenta metu. Iamque dari parvum canibusque avibusque nepotem iusserat, in solis destituique locis. Vagitus dedit ille miser: sensisse putares, quaque suum poterat voce rogabat avum. Quid mihi tunc animi credas, germane, fuisse (nam potes ex animo colligere ipse tuo), cum mea me coram silvas inimicus in altis viscera montanis ferret edenda lupis? Exierat thalamo: tunc demum pectora plangi	60 65 70 75 80 85 90
Ipsa quoque incalui, qualemque audire solebam, nescio quem sensi corde tepente deum. Fugerat ore color, macies adduxerat artus, sumebant minimos ora coacta cibos; nec somni faciles, et nox erat annua nobis; et gemitum nullo laesa dolore dabam. Nec cur haec facerem poteram mihi reddere causam; nec noram quid amans esset; at illud eram. Prima malum nutrix animo praesensit anili; prima mihi nutrix, "Aeoli, dixit, amas". Erubui, gremioque pudor deiecit ocelos: haec satis in tacita signa fatentis erant. Iamque tumescabant vitiatum pondera ventris, aegraque furtivum membra gravabat onus. Quas mihi non herbas, quae non medicamina nutrix attulit, audaci suppositique manu, ut penitus nostris, hoc te celavimus unum, visceribus crescens excuteretur onus? Ahi nimium vivax admotis restitit infans artibus, et tecto tutus ab hoste fuit. Iam novies erat orta soror pulcherrima Phoebi, denaque luciferos Luna movebat equos. Nescia quae faceret subitos mihi causa dolores. Et rudis ad partus, et nova miles eram. Nec tenui vocem: "Quid, ait, tua crimina prodis?" Oraque clamantis conscia pressit anus. Quid faciam infelix? gemitus dolor edere cogit; sed timor, et nutrix, et pudor ipse vetant. Contineo gemitus elapsaque verba prendo, et cogor lacrimas combibere ipsa meas. Mors erat ante oculos; et opem Lucina negabat; et grave, si morerer, mors quoque crimen erat. Cum superincumbens, scissa tunicaque comaque,	30 35 40 45 50 55	pressa refovisti pectora nostra tuis. Et mihi: "Vive, soror, soror o carissima, dixti; vive, nec unius corpore perde duos. Spes bona det vires; fratri nam nupta futura es: illius, de quo mater, et uxor eris". Mortua, crede mihi, tamen ad tua verba revixi: et positum est uteri crimen onusque mei. Quid tibi grataris? media sedet Aeolus aula: crimina sunt oculis subripienda patris. Frondebis infantem ramisque albensis olivae et levibus vittis sedula celat anus; fictaque sacra facit, dicitque precantia verba. Dat populus sacris, dat pater ipse, viam. Iam prope limen erat; patrias vagitus ad aures venit, et indicio proditur ille suo. Eripit infantem, mentitaque sacra revelat Aeolus; insana regia voce sonat. Vt mare fit tremulum, tenui cum stringitur aura, ut quatitur tepido fraxina virga Noto, Sic mea vibrari pallentia membra videres: quassus ab imposito corpore lectus erat. Irruit, et nostrum vulgat clamore pudorem; et vix a misero continet ore manus. Ipsa nihil, praeter lacrimas, pudibunda profudi: torpuerat gelido lingua retenta metu. Iamque dari parvum canibusque avibusque nepotem iusserat, in solis destituique locis. Vagitus dedit ille miser: sensisse putares, quaque suum poterat voce rogabat avum. Quid mihi tunc animi credas, germane, fuisse (nam potes ex animo colligere ipse tuo), cum mea me coram silvas inimicus in altis viscera montanis ferret edenda lupis? Exierat thalamo: tunc demum pectora plangi	60 65 70 75 80 85 90

contigit, inque meas unguibus ire genas. Interea, patrius, vultu maerente, satelles venit, et indignos edidit ore sonos: "Aeolus hunc ensemit mittit tibi (tradidit ensemit) et iubet ex merito scire quid iste velit". Scimus; et utemur violento fortiter ense: pectoribus condam dona paterna meis. His mea muneribus, genitor, connubia donas? Hac tua dote, pater, filia dives erit? Tolle procul, decepte, faces, Hymenaeae, maritas, et fuge turbato tecta nefanda pede. Ferte faces in me, quas fertes, Erinnyes atrae: ut meus ex isto luceat igne rogus. Nubite felices, Parca meliore, sorores; admissi memores sed tamen este mei. Quid puer admisit, tam paucis editus horis? Quo laesit factio, vix bene natus, avum? Si potuit meruisse necem, meruisse putetur. Ah! miser admissio plectitur ille meo! Nate, dolor matris, rapidarum praeda ferarum, hei mihi! natali dilacerate tuo, nate, parum fausti miserabile pignus amoris, haec tibi prima dies, haec tibi summa fuit non mihi te licuit lacrimis perfundere iustis! In tua non tonsas ferre sepulcra comas. Non superincubui; non oscula frigida carpsi. Diripiunt avidae viscera nostra ferae. Ipsa quoque infantis cum vulnere prosequar umbras: nec mater fuero dicta, nec orba diu. Tu tamen, o frustra miserae sperate sorori, sparsa, precor, nati collige membra tui; et refer ad matrem, socioque impone sepulcro: urnaque nos habeat, quamlibet arta, duos. Vive memor nostri, lacrimasque in funere funde;	95	100	105	110	115	120	125
neve reformida corpus amantis amans. Tu, rogo, dilectae nimium mandata sororis perfer; mandatum persequar ipsa patris.							

Cânace a Macareu

[Ao filho¹ de Eólo² a filha³ envia o bem, de que ela própria não dispõe, e, com uma arma em punho, palavras escritas.]



Se, porém, algumas palavras se perderem em borrões obscuros,
a carta se terá manchado do sangue da amante.
Na mão direita a pena, na mão esquerda a espada nua,
e jaz no meu colo um pergaminho aberto. 5
Essa é a imagem da filha de Éolo que escreve ao irmão;
assim parece poder agradar ao duro pai.

Desejaria eu que ele próprio fosse espectador do meu assassinio,
e a obra terminada aos olhos do responsável.
Por ser cruel e muito mais violento que seus Euros,⁴
fitaria minhas feridas de olhos secos. 10

Naturalmente, é algo viver com ventos furiosos.
Ele se ajusta ao caráter de seu povo.
Ele governa o Noto,⁵ o Zéfiro⁶ e o sitônio⁷ Aquilão⁸
e também as tuas asas, ó Euro⁹ violento.

Ai! os ventos governa, não sua soberba ira,
e possui domínios menores que seus vícios. 15

Suicide de Canacé
Robinet Testard
Miniatura extraída das
Epistres d'Ovide (Héroïdes),
de tradução de Octavien
de Saint-Gelais, 1496-1498
(adaptado).
Fonte: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Suicide_de_Canac%C3%A9_A9_BnF_Fran% C3%A7ais_875_fol._58.jpg>.
Acesso em: 10 mar. 2011.

1 Macareu, filho de Éolo e de Enarete. Irmão de Cânace.

2 Éolo: divindade sublimpica e rei dos ventos.

3 Cânace: filha de Éolo e de Enarete.

4 Euros: referência genérica a todos os ventos, que, em geral, são representados, em poesia, como gênios turbulentos, inquietos e volúveis. Para os gregos, eram oito: o Solano, o Euro, o Austro, o Zéfiro, o Coro, o Setentrião e o Aquilão. Para os romanos, quatro principais: o Euro, o Bóreas ou Aquilão, o Noto ou Austro e o Zéfiro.

5 Noto: (ou Austro) vento quente e tempestuoso que sopra do sul.

6 Zéfiro: vento do Ocidente, responsável por levar o frescor a climas quentes.

7 Trácio: a Trácia é uma região do sudeste da Europa, hoje correspondente a parte dos territórios da Bulgária (sudeste), Grécia (extremo leste ao norte) e Turquia (noroeste).

8 Aquilão: vento frio e violento da Trácia que, às vezes, é confundido com o Bóreas.

9 Euro: vento do Oriente, na Antiguidade, por alguns descrito como impetuoso e desgrenhado.

De que me serve, levada ao céu pelos nomes dos avós,
 poder contar Júpiter entre os parentes?
 Acaso com menor dano a espada, dádiva fúnebre
 e arma que não me cabe, tenho em minha mão feminina?
 Ó Macareu, o instante que nos uniu num só
 tivesse vindo depois de minha morte!
 Por que, irmão, um dia, mais do que como irmão me amaste?
 E a ti fui o que uma irmã não pode ser?
 Eu mesma também ardi de amor; o coração apaixonando-se,
 senti um deus ignoto¹⁰ e como soía ouvir.
 Fugira-me a cor da face, a magreza me afinara os membros,
 minha boca forçada se alimentava do mínimo;
 nem os sonhos eram fáceis, e a noite era-me ânua;
 e, ainda que sem dor alguma, gemia.
 Nem podia dar-me um motivo para agir assim;
 nem sabia o que fosse ser amante, mas o era.
 Primeiro a nutriz, seu coração experiente, pressentiu o mal.
 Primeiro minha nutriz me disse: "Filha de Éolo, estás apaixonada".
 Corei, e a vergonha lançou-me os pobres olhos ao seio:
 estes eram, em quem se cala, suficientes sinais de confissão.
 E já crescia o peso do meu ventre corrompido,
 e um fardo clandestino sobrecarregava meu corpo aflito.
 Que ervas, que remédios minha nutriz não me trouxe
 e me aplicou com mãos audazes, para que
 fosse extirpado o fardo que me crescia (isso apenas
 ocultei de ti!) no fundo das entranhas?
 Ah! a criança assaz forte resistiu aos ardis empregados
 e, segura, sobreviveu a um inimigo dissimulado.
 Já nove vezes havia nascido a belíssima irmã de Febo¹¹
 e a décima¹² Lua¹³ movia cavalos luminosos.
 Uma causa desconhecida me fazia sentir súbitas dores.

¹⁰ Cupido ("Eros", em grego).

¹¹ Diana, irmã gêmea de Febo ou Apolo.

¹² A criança nascia normalmente na décima lua, porque o calendário religioso romano era lunar.

¹³ Diana.

Não só inexperiente com partos, como jovem recruta eu era.
 Nem detive meu choro: "Por que teu crime revelas?",
 disse a velha cúmplice que sufocou meus brados. 50
 Faça eu o quê, infeliz? a dor obriga-me a soltar gemidos;
 mas o temor e a nutriz e o próprio pudor mo proibem.
 Retenho os gemidos e retorno as palavras que escaparam,
 e eu própria sou impelida a sorver minhas lágrimas.
 Tinha a morte diante dos olhos; e Lucina¹⁴ negava auxílio;
 e também a morte, se morresse, seria um crime grave.
 Deitando-te sobre mim, tua veste e teus cabelos arrancados,
 reaqueceste meu peito apertado com o teu.
 E me disseste: "Vive, irmã, ó queridíssima irmã;
 vive, e não percas dois com um único corpo. 60
 Uma boa esperança te dê forças; hás de unir-te ao irmão:
 serás a esposa daquele que te faz mãe".
 Morta, crê em mim, por tuas palavras me restabeleci:
 e foi deposto o crime e fardo do meu ventre.
 Por que te alegras? Éolo se assenta no meio do palácio:
 o crime há de ser subtraído aos olhos do pai.
 Com folhagens e ramos de oliveira alva e tênues fitas
 a zelosa velha oculta a criança;
 faz sacrifícios falsos, diz palavras de súplica. 70
 Abrem o povo e meu próprio pai caminho aos sacrifícios.
 Já estava perto da porta; o vagido chega aos ouvidos
 paternos, e ele se revela por seu sinal.
 Éolo arrebatava a criança, descobre os sacrifícios simulados;
 com furiosa voz o palácio ressoa.
 Como o mar se faz trêmulo, quando é tocado pela tênue brisa,
 como o ramo de freixo é agitado pelo tépido Noto,
 assim ver-se-iam meus membros pálidos a tremer:
 o meu leito era agitado pelo corpo sobreposto.
 Precipita-se, e com gritaria propala minha vergonha;
 e a custo detém as mãos da minha face infeliz. 80

¹⁴ Divindade romana de origem etrusca, que presidia ao parto.

Eu mesma, com vergonha, nada além de lágrimas derramei:
entorpecera-se com o medo gélido minha língua reprimida.
E já tinha ordenado que o pequeno neto fosse entregue
a cães e aves e abandonado em lugar deserto.
Aquele infeliz deu um vagido: *crer-se-ia que entendera,*
e, com a voz que podia, suplicava a seu avô.
Que supões, ó irmão, ter sido de meu peito quando
(tu próprio podes compreender por teus sentimentos!),
diante de mim, o inimigo, a florestas profundas,
levava-me as entranhas aos lobos monteses para serem comidas?
Tinha-se ido dos aposentos: então, enfim, aconteceu-me
golpear o peito e, com as unhas, atacar minha face.
Nesse ínterim, um guarda de nosso pai chegou,
de rosto triste, e de sua boca saíram palavras infames:
"Éolo esta espada te envia (entregou-me a espada),
e ordena saberes, por tua culpa, o que ele quer".
Eu sei, e usarei bravamente a terrível espada:
em meu peito guardarei o presente paterno.
Ofereces, pai, estes presentes por meu casamento?
Tua filha, pai, ficará rica com este dote?
Leva para longe, Himeneu!¹⁵ frustrado, as tochas nupciais
e fuge a passo apressado da casa sacrílega!
Conduzi contra mim, Erinias!¹⁶ sombrias, as tochas que conduzis,
para que minha pira brilhe com esse fogo.
Casai felizes, irmãs, sob uma Parca!¹⁷ melhor,
mas, apesar de tudo, lembrai do meu crime.
O que a criança cometeu em tão poucas horas de vida?
Como, apenas nascido, ofendeu o avô?
Se pôde merecer a morte, julgue-se merecedor.
Ah! Aquele infeliz é castigado pelo meu crime.

¹⁵ Divindade que conduzia o cortejo nupcial.

¹⁶ Divindades violentas que encarnam forças primitivas. Guardiãs das leis da natureza e da ordem das coisas, em sentido físico e moral, são responsáveis pela vingança de crimes, principalmente os de derramamento de sangue parental. Identificaram-nas os romanos com as *Furiae* (Fúrias).

¹⁷ *Parca*: ou, principalmente no plural, "Parcas" – *Nona, Decima e Morta* – são divindades que promoviam tanto o nascimento quanto o casamento e a morte. Vinculam-se, portanto, ao destino humano.

Ó filho, dor de mãe, presa de feras arrebatadoras,
ai de mim! dilacerado no dia de teu nascimento,
ó filho, deplorável prova de um amor pouco feliz,
este foi para ti o primeiro, para ti o derradeiro dia.
Não me permitiram banhar-te com justas lágrimas,
nem levar ao teu sepulcro meus cabelos cortados.
Não me lancei sobre ti, nem um beijo gelado colhi.
Despedaçam-me as entranhas as ávidas feras.
Eu mesma também seguirei, com a ferida, as sombras do menino:
nem mãe nem falta do filho serei chamada por muito tempo.
Tu, porém, ó esperança baidada da pobre irmã,
recolhe, suplico, os espalhados membros de teu filho.
E traze-os para junto da mãe, deposita-os em um sepulcro comum:
e a urna, estreita quanto possível, encerre a nós dois.
Vive lembrado de mim, verte lágrimas no funeral;
e, amando, não receies o corpo de quem te ama.
Tu, suplico, cumpre as vontades da irmã muito amada;
eu mesma cumprirei a ordem paterna.

A construção retórica de Medeia nas *Heroídes* de Ovídio

Júlia Batista Castilho de Avellar



Medeia, pintura em mural romano, v. 70-79, Galleria Nazionale di Capodimonte (Nápoles).
Fonte: <<http://fr.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9d%C3%A9e>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

Introdução

Este trabalho pretende analisar, sob a perspectiva retórica, a décima segunda carta das *Heroídes* (*Epistulae*) de Ovídio, aquela em que Medeia escreve a Jasão ("Medea Iasoni") suplicando-lhe que volte para ela. As *Heroídes* consistem em um conjunto de textos pertencentes à lírica elegíaca, escritos, portanto, em dísticos elegíacos (um hexâmetro e um pentâmetro), que se apresentam sob a forma de cartas fictícias atribuídas às heroínas mitológicas. Desse modo, tais cartas caracterizam-se por apresentar um eu-lírico feminino, o que, de acordo com Holzberg (2002) constitui, no contexto elegíaco, uma encenação de papéis, na qual "o poeta [...] não mais fala como um poeta/amador, mas adota elegiacamente o papel de uma mulher apaixonada".¹ Este eu-lírico, por sua vez, ainda segundo Holzberg, desempenha um duplo papel, visto que pertence, por um lado, ao mundo irreal do sistema elegíaco e, por outro, à realidade mitológica, o que promove uma "tensão entre o amor elegíaco e a realidade mítica".²

Já que tais textos se apresentam como cartas em que o eu-lírico tenta convencer o seu amado a voltar, neles são expostos argumentos das heroínas, os quais, conforme iremos demonstrar, são, no caso de Medeia, predominantemente do tipo afetivo. Eles objetivam expressar a veracidade de seus sentimentos e justificar suas atitudes, a fim de, assim, convencer Jasão a retornar. Ora, esse aspecto

¹ HOLZBERG. Ovídio: The Poet and His Work, p. 71: "The poet [...] no longer speaks as a "poeta/amador", but adopts an elegiacally enamored woman's role." (Todas as traduções são de minha responsabilidade).

² HOLZBERG. Ovídio: The Poet and His Work, p. 72: "Tension between elegiac love and mythical reality."

persuasivo das *Heróides* permite o estabelecimento de uma aproximação entre retórica e poesia. Inclusive, Jacobson (1974) afirma que "permanece comum denominar Ovídio um poeta retórico, e as *Heróides*, sua obra mais retórica".³ Embora haja elementos retóricos nas cartas, Holzberg (2002) julga essa retórica elegíaca vã, visto que a argumentação das heroínas, em nenhuma das cartas, proporciona de fato o retorno do amado ou é responsável por ele.⁴ Pensamos, todavia, em concordância com Reboul (1998), que o caráter retórico de um discurso não está em "levar a fazer", mas em "levar a crer": "a nosso ver, a persuasão retórica consiste em levar a crer, sem redundar necessariamente no levar a fazer. Se, ao contrário, ela leva a fazer sem levar a crer, não é retórica".⁵

Considerando-se, pois, a existência de mecanismos retóricos nas *Heróides*, propomos a identificação dos argumentos expostos por Medeia na décima segunda carta, focalizando os tipos de argumentos denominados afetivos (*ethos* e *pathos*). Dessa forma, procuraremos analisar a construção do *ethos* linguístico-discursivo da enunciadora e a dimensão patética de seu discurso.

Fundamentos teóricos

A retórica é definida por Reboul como "a arte de persuadir pelo discurso";⁶ visando, pois, exatamente ao convencimento. A fim de realizar essa função persuasiva, o orador deve buscar provas que fortaleçam sua proposição e tornem-na aceita. Ou seja, as provas "servem de instrumento de realização do objetivo último da Retórica, a saber, persuadir. A persuasão só se efetiva através de provas".⁷

Aristóteles dividiu as provas retóricas em dois tipos: as independentes da arte (extrínsecas), localizadas fora do âmbito da oratória (por exemplo, testemunhas), e aquelas pertencentes à arte (intrínsecas), internas à retórica e ao discurso.⁸

Assim,

entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar.⁹

Com base nisso, observa-se que tais provas podem ser de natureza afetiva/psicológica ou racional/lógica. No primeiro caso, incluem-se o *ethos* e o *pathos*, enquanto no segundo, o *logos* (convencimento por entimemas e exemplos).

O *ethos* consiste na imagem que o orador (enunciador) constrói de si mesmo por meio do discurso, podendo ser apreendido pelo tom utilizado. Trata-se, segundo Reboul, do caráter assumido pelo orador a fim de chamar a atenção e obter a confiança do auditório.¹⁰ Nas palavras de Aristóteles, "obtm-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança".¹¹ Diante disso, Aristóteles definiu três tipos de *ethé*: *phrónesis*, segundo o qual o enunciador apresenta o aspecto de pessoa ponderada; *areté*, em que se assumem atitudes francas, de pessoa que diz a verdade crua; e *éunoia*, de acordo com o qual o enunciador expressa uma imagem agradável de si mesmo.

Já o *pathos* se volta para os ouvintes (receptores), na medida em que objetiva despertar neles, por meio do discurso, emoções, paixões e sentimentos. Aristóteles afirma que "se obtém a persuasão nos ouvintes quando o discurso os leva a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio".¹² Dessa forma, as provas éticas são relacionadas a sentimentos mais brandos, ao passo que as patéticas buscam comover por meio de sentimentos mais fortes, as paixões.

³ JACOBSON. *Ovid's "Heroides"*, p. 322: "It remains common to call Ovid a rhetorical poet and the *Heroides* his most rhetorical work."

⁴ HOLZBERG. *Ovid: The Poet and His Work*, p. 76: "A vast outpouring of elegiac rhetoric proves vain, here and in all the other 'Epistulae'."

⁵ REBOUL. *Introdução à retórica*, p. XV.

⁶ REBOUL. *Introdução à retórica*, p. XIV.

⁷ TRINGALI. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*, p. 62.

⁸ ARISTÓTELES. *Arte poética; Arte retórica*, I, II, 2.

⁹ ARISTÓTELES. *Arte poética; Arte retórica*, I, II, 3.

¹⁰ REBOUL. *Introdução à retórica*, p. 48.

¹¹ ARISTÓTELES. *Arte poética; Arte retórica*, I, II, 4.

¹² ARISTÓTELES. *Arte poética; Arte retórica*, I, II, 5.

Análise do texto

Na carta "Medea Iasoni", há uma série de mecanismos linguístico-discursivos que contribuem para a construção do *ethos* da enunciadora. Já no início do texto, Medeia cria uma imagem positiva de si ao mencionar sua nobreza. Ela se apresenta como "rainha dos colcos" (v. 1) e se refere à prosperidade de seu reino – "felizes domínios da minha pátria" (v. 24) – e às posses de seu pai: "Aquele tudo comanda/ até a Cítia nevada, onde está a plaga esquerda do Ponto" (v. 27-28).¹³ O fato de ela ser identificada como nobre, e não uma pessoa qualquer, confere autoridade ao seu discurso e contribui para que ele seja digno de confiança mediante o público.

A enunciadora também constrói uma imagem de si baseada na generosidade, conforme se observa já nos dois versos iniciais da carta: "Mas para ti, lembro-me, rainha dos colcos, vaguei,/ quando pediste que minha arte te trouxesse auxílio".¹⁴ Ou seja, Medeia se mostra prestativa diante das solicitações que Jasão lhe faz, uma vez que lhe fornece o auxílio pedido e até mesmo abre mão de sua posição superior, abandonando o trono e a pátria ("vaguei"). Ela inclusive narra os diversos benefícios que Jasão obtivera graças à sua ajuda:

Atrélas os touros de pés de bronze com corpo não queimado,/ fendes a sólida terra com o arado imposto./ Enches os campos com dentes envenenados em vez de sementes,/ e nasceis soldados portando espadas e escudos./ Eu própria, que dera as poções, assentei-me pálida,/ quando vi, de súbito, os homens empunharem armas;/ até que os irmãos terrigenas, fato extraordinário,/ entre si travaram combate a mão armada.¹⁵

Medeia ainda reforça a importância de suas atitudes ao empregar o pronome de primeira pessoa, enfático em latim devido à marcação da desinência verbal, acompanhado também pelo pronome de reforço: *ipsa ego*. E fora exatamente em razão da generosidade de

Medeia que Jasão pôde realizar suas tarefas e obter o velo de ouro, voltando são e salvo para sua pátria.

Além disso, pode-se depreender do discurso de Medeia, pela enunciação, um tom de mulher apaixonada, que contribui para a construção de seu *ethos*:

Quando te vi, arruinei-me; e com fogos ignotos ardi,/ como arde a tocha de pinho junto aos grandes deuses./ E eras formoso, e meu destino me tragava:/ teus olhos arrebataram meus luzeiros".¹⁶

Por meio da seleção lexical, Medeia apresenta-se como uma mulher dominada pela paixão, o que pode ser notado pelos termos "arruinei-me" (*perii*), "ardi" (*arsis*), "tragava" (*trahebant*) e "arrebataram" (*abstulerant*), os quais revelam a perda de controle e a insaturabilidade dos apaixonados.

Outro ponto verdadeiramente interessante a respeito do *ethos* de Medeia consiste no fato de ela atribuir a si mesma epítetos que denotam inocência, como, por exemplo, "jovem ingênua" – *puellae simplicitis* (v. 90). Isso é reforçado pela imagem que ela constrói de Jasão, nomeado de "ingrato" (*immemor*, v. 16, e *ingrato*, v. 21), "criminoso" (*sclerate*, v. 19), "pérfido" (*perfide*, v. 37), "improbo" (*improbe*, v. 204), possuidor de uma "boca enganadora" (*infido ore*, v. 72) e do "encanto fingido de tua língua" (*linguae gratia ficta tuae*, v. 12). Ou seja, na medida em que opõe de modo contrastivo esses dois caracteres, Medeia elabora uma imagem positiva de si mesma e outra, negativa, de Jasão. Tal contraste também pode ser identificado nos seguintes trechos: "Assim, menina, depressa fui aprisionada por tuas palavras" e "Soframos em alto-mar,/ tu, as merecidas penas da fraude, eu, da credulidade".¹⁷ Com isso, Medeia pode ser considerada digna de confiança e benevolência.

Associado a isso, pode-se mencionar um outro traço do *ethos* de Medeia: o de mulher injustiçada. Após, impelida por sua paixão

¹³ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 1, 24, 27-28. Respectivamente: "Regina Colchorum; patriae regna beata meae; Scythia tenuis ille nivosa/ omne tenet, Ponti qua plaga laeva iacet."

¹⁴ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 1-2: "At tibi Colchorum, memini, regina vacavi/ ans mea cum peteres ut tibi ferret opem." ¹⁵ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 93-100: "Iungis et acripedes inadusto corpore tauros,/ et solidam iusso vomere findis humum./ Arva venenatis, pro semine, dentibus implēs;/ nascitur et gladios scutaque miles habet./ Ipsa ego, quae dederam medicamina, pallida sedi,/ Cum vidi subito arma tenere viros;/ donec terrigenae, facinus mirabile, fratres/ inter se strictas conseruere manus."

¹⁶ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 33-36: "Ut vidi, ut perii! Nec notis ignibus arsi / ardet ut ad magnos pinea taeda deos./ Et formosus eras, et me mea fata trahebant;/ abstulerant oculi lumina nostra tui."

¹⁷ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 92, 119-120. Respectivamente: "Sic cito sum verbis capta puella tuis; meritas subeamus in alto,/ tu fraudis poenas, credulitatis ego."

ingênua, ter beneficiado Jasão por meio de diversos favores, estes lhe retribui com a traição: "Uma amante abraça os membros que eu salvei:/ e ela possui os frutos do meu esforço".¹⁸ Novamente, é estabelecido um contraste entre as atitudes de Medeia, baseadas na fidelidade, e as de Jasão, voltadas para a perfídia. Nota-se também que esse aspecto ético de Medeia, a fidelidade, é reforçado pelo tom elegíaco presente na maior parte da carta, já que o sistema elegíaco, segundo Holzberg (2002), caracteriza-se exatamente pelo desejo da fidelidade (*fides*) e da aliança eterna (*foedus aeternum*). O tom elegíaco do discurso de Medeia manifesta-se, por exemplo, quando, mesmo expulsa por Jasão, ela menciona o seu amor fiel e eterno: "Ordenando-me, retirei-me da casa em companhia dos dois filhos/ e do teu amor, que sempre me segue".¹⁹

Com base em todos esses aspectos citados acerca do *ethos* de Medeia depreendido do texto ovidiano, é interessante observar que há imagens distintas construídas em torno dessa personagem ao longo da tradição literária latina. A figura de Medeia é por vezes associada à crueldade, à insensibilidade e à feitiçaria, ou seja, a traços de caráter negativos, visto que ela teria traído a pátria e a família, dilacerado o irmão e assassinado os filhos.²⁰ Ainda, em sua carta, Medeia se apresenta como a heroína que sofre pelo amor que lhe fora renegado e traído apesar de todos os seus favores a Jasão. Este, por sua vez, caracteriza-se pela ruptura da promessa. Medeia amplia a dimensão da infidelidade deste ao apresentar em sua carta, em discurso direto, aquilo que Jasão teria dito para obter o seu auxílio e que comprova o rompimento da promessa: "Faze-me eternamente teu pelos favores!/ Se acaso não desdenhas um pelasso por marido,/ (mas como os deuses me seriam tão favoráveis e amigos?)/ antes meu espírito se desvaneça em tênues ares/ que alguma esposa, senão tu, esteja em meu leito".²¹ Ou seja, promove-se uma

inversão de papéis, de acordo com a qual Medeia expressa um *ethos* positivo e Jasão é referido negativamente. A isso se soma o fato de todas as "más" atitudes de Medeia serem, em sua carta, facilmente justificáveis diante do imenso amor que ela diz sentir por Jasão: "Que os outros me culpem, é necessário que me louves,/ tu, por quem tantas vezes fui impelida a ser culpada".²²

Outro ponto importante é que em momento algum de sua carta Medeia menciona diretamente os crimes que cometera. Ela apenas os sugere de forma indireta, como, por exemplo, ao ameaçar Jasão se este não retornar: "Que vivas, que tenhas uma esposa e um sogro poderoso,/ mesmo isto, que possas ser ingrato, é meu./ Os quais sem dúvida logo!..."²³ Ou seja, por meio da figura da apoiope (ou reticência), Medeia assegura uma imagem positiva de si mesma, já que não revela completamente atitudes condenáveis. Isso também é observado quando ela omite os seus crimes, como, por exemplo, ao se referir à morte de seu irmão: "Mas não te abandonei, irmão, sem mim ao fugir:/ minha carta se cala nesta única parte./ O que ousou fazer, minha destra não ousa escrever".²⁴

Diante disso, pode-se propor que o *ethos* presente em "Medeia Iasoni" caracteriza-se pela predominância de *éunoia*, isto é, da construção de uma imagem agradável de si mesma. Isso fica evidente pelo fato de Medeia atribuir a si uma imagem marcada por aspectos positivos.

Quanto aos elementos patéticos do discurso de Medeia, há uma particularidade interessante: existem duas dimensões de atuação do *pathos*, já que há dois destinatários. A primeira pode ser considerada mais interna ao texto, uma vez que se caracteriza por Jasão – personagem mitológico – ser o destinatário. Assim, percebe-se que Medeia utiliza-se de argumentos patéticos a fim de convencê-lo a

Pelasqum/ (sed mihi tam faciles unde meosque deos?)// spiritus ante meus tenues vanescat in auras./ quam thalamo, nisi tu, nupta sit ulla meo."²² OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 131-132: "Vt culpent alii, tibi me laudare necesse est./ pro quo sum toties esse coacta nocens."

²³ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 205-207: "Quod vivis, quod habes nuptam socerumque potentem./ hoc ipsum, ingratus quo potes esse, meum est./ Quos equidem actutum!..."

²⁴ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 113-115: "At non te fugiens sine me, germane, reliqui:/ deficit hoc uno littera nostra loco. / Quod facere ausa mea est, non audeat scribere dextra."

voltar. A segunda dimensão do *pathos*, por sua vez, é externa, visto que diz respeito aos leitores, ao público, ou seja, elementos extrínsecos ao texto literário. Nesse caso, o objetivo de Medeia, como enunciatória, é fazer com que o público compartilhe de seu ponto de vista e tome o seu partido, em oposição ao de Jasão.

Os aspectos patéticos podem ser evidenciados, por exemplo, quando Medeia apresenta a dívida que Jasão possui em relação a ela e ressalta a diferença entre as atitudes de Jasão antes e depois de obter o auxílio desejado:

Eu, que enfim tornei-me bárbara para ti,/ agora sou pobre para ti, agora pareço prejudicial para ti,/ submeti os olhos flameos a um sono enfeitado,/ e, para ti, dei em segurança o velo para roubares./ Meu pai foi traído; abandonei o reino e a pátria; tolerei que qualquer exílio fosse um favor.²⁵

Nesse trecho, a enunciadora utiliza o recurso retórico da epánapese ao repetir o pronome pessoal no dativo – *tibi* (para ti). Com isso, Medeia reforça a sua imagem de injustiçada, pois enfatiza os benefícios que forneceu a Jasão, os quais não foram restituídos, e, ao fazê-lo, desperta no público o sentimento de compaixão pela injustiça que sofreu. Deve-se salientar que, se o público tem compaixão de Medeia, o sentimento nele despertado em relação a Jasão é a indignação. Segundo Aristóteles,

À compaixão opõe-se particularmente o que se chama a indignação. Com efeito, a pena que se sente pelas desgraças imerecidas de outrem é de algum modo o contrário, embora provenha do mesmo caráter, da pena que se experimenta perante os êxitos imerecidos.²⁶

Desse modo, "quem sente pena em face dos êxitos imerecidos de outrem experimentará prazer, ou ao menos não sentirá pena, ao ver na desgraça os que a merecem".²⁷ Ou seja, os favores recebidos por Jasão constituem um "êxito imerecido", uma vez que ele os retri-

bui a Medeia por meio do abandono e da traição, desgraças que, pela sua generosidade, ela não merecia. Deve-se notar, entretanto, que, se o *pathos* referente ao público é de compaixão e de indignação, em Jasão será despertado apenas o sentimento de compaixão, visto que ele não se indignará consigo mesmo.

Esse *pathos* de compaixão e de indignação pode ser observado também quando Medeia expressa o seu sofrimento diante do abandonado de Jasão:

Logo, rasgada a veste, bati em meu peito:/ nem a face foi poupada por meus dedos./ O espírito exortava a ir para o movimento do meio da turba/ e a tomar a grinalda roubada à composta cabeleira./ A custo me contive, assim, de cabelos arrancados,/ para que não gritasse: 'é meu!', nem lançasse as mãos.²⁸

As atitudes de Medeia expostas nesse trecho caracterizam-se pela insanidade resultante de sua paixão. Isso fica particularmente claro pelas ações que denotam a destruição de objetos – "rasgada a veste" (*abscissa veste*) e "tomar a grinalda roubada" (*demere rapta sertā*) – e a punição que impele contra si mesma – "bati em meu peito" (*planxit mea pectora*), "nem a face foi poupada por meus dedos" (*tuta nec a digitis ora fuere meis*) e "de cabelos arrancados" (*laniata capillos*). A dimensão patética é ainda ressaltada pela presença de uma exclamação de Medeia em discurso direto – "é meu!" (*meus est!*) –, o que revela seu desespero insano em relação ao abandono de Jasão. Exatamente por causa desse descontrole de Medeia, o público se compadece dela e se indigna com Jasão.

Esse mesmo *pathos* também pode ser identificado logo no início da carta, quando Medeia demonstra-se inconformada com o seu destino: "Ai de mim! Por que um dia, impelida por braços juvenis,/ a árvore do Pélion buscou o carneiro frixeu?/ Por que um dia, colcos, vimos a Argo da Magnésia,/ e, turba grega, bebestes da água do Fásis?".²⁹ Os aspectos patéticos são evidenciados pela interjeição de

²⁵ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 105-110: "Illa ego, quae tibi sum denique barbara facta,/ nunc tibi sum pauper, nunc tibi visa nocens,/ flammea subdixi medicato lumina somno,/ et tibi, quae raperes, vellera tuta dedi./ Proditus est genitor; regnum patriamque reliqui; munus in exilio quolibet esse tuli."

²⁶ ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*, II, IX, 1.

²⁷ ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*, II, IX, 4.

²⁸ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 153-158: "Protinus abscissa planxi mea pectora veste; tuta nec a digitis ora fuere meis./ Ire animus mediae suadebat in agmina turbae;/ serataque compositis demere rapta comis./ Vix me continui, quin sic laniata capillos/ clamarem: 'meus est!' inicieremque manus."

²⁹ OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 7-10: "Hei mihi! Cur unquam Iuvenilibus acta lacertis/ Phrixeam petit Pellas arbor ovem?/ Cur unquam Colchi Magnetida vidimus Argo;/ turbaque Phasiacum Graia bibistis aquam?"

dor (*hei*), que demonstra o sofrimento de Medeia, pela repetição da conjunção "por que" (*unquam*) e pela sequência de interrogações. Tudo isso gerará compaixão no público.

Outro *pathos* percebido no texto ovidiano é o do temor. De acordo com Aristóteles, "causa-nos temor tudo quanto aparece como que dotado de grande poder de destruir e de causar danos que terão, como consequências, penas profundas".³⁰ Logo, um dos fatores que inspiram temor é "a virtude ultrajada, se tiver poder para isso; pois, evidentemente, nunca deixa de se vangloriar quando pode".³¹

Isso é claramente percebido quando Medeia se refere a Creúsa, nova esposa de Jasão:

Ria, e que se alegre com meus defeitos;/ ria, e jaza alta em púrpura tória;/ chorará e superará queimada meus ardores./ Enquanto existirem ferro, chamas e sumo venenoso,/ nenhum inimigo de Medeia ficará impune.³²

O desejo de vingança expresso por Medeia, que se recusa a deixar seus inimigos impunes, objetiva gerar temor tanto em Jasão – para que ele retorne – quanto no público. Esse sentimento é enfatizado na medida em que Medeia menciona as armas que possui: "ferro, chamas e sumo venenoso" (*ferrum flammaeque succusque veneni*).

Conclusão

Pode-se perceber que, em "Medea Iasoni", os recursos retóricos utilizados por Medeia são predominantemente afetivos. Por meio deles, a enunciatória busca construir um *ethos* positivo de si mesma, ao mesmo tempo em que cria uma imagem negativa de Jasão, ao ressaltar sua infidelidade. Dessa forma, Medeia adquire o estatuto de heroína no texto ovidiano, diferentemente do que por vezes se observa na tradição literária concernente a essa personagem. Além disso, ela usa elementos patéticos para despertar o medo

e a compaixão, a fim de persuadir Jasão a voltar e o público, a aderir à sua causa, em detrimento da de Jasão.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*. Tradução de António Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s./d.
- JACOBSON, H. *Ovid's "Héroïdes"*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1974.
- HOLZBERG, N. *Ovid: The Poet and His Work*. Ithaca/London: Cornell University Press, 2002.
- OVIDE. *Les Héroïdes*. Traduction par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932.
- REBOUL, O. *Introduction à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

³⁰ ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*, II, IX, 2.

³¹ ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*, II, IX, 5.

³² OVIDE. *Les Héroïdes*, XII, 179-182: "Rideat, et vitilis laeta sit illa meis;/ rideat, et Tyrio iaceat sublimis in ostro;/ flebit, et ardores vincet adusta meos./ Dum ferrum flammaeque aderunt succusque veneni;/ hostis Medaeae nullus inultus erit."

Cânace a Macareu: uma análise retórica

Bruno Francisco dos Santos Maciel

O propósito desta explanação é fazer uma análise retórica da décima primeira carta das *Heroides*, de Ovídio, "Cânace a Macareu", escrita em dísticos elegíacos.

Primeiramente, discorrerá-se brevemente acerca da Retórica e de suas características essenciais. De forma bastante genérica, pode-se entender a Retórica como a faculdade de fornecer argumentos¹ e arranjá-los de forma tal para convencer alguém de algo: um discurso fundamentalmente persuasivo. Quanto ao seu fim, pode ser dividida em três gêneros: deliberativo, judiciário e demonstrativo. O deliberativo se caracteriza pelo ouvinte que decide sobre algo futuro, o membro de uma assembleia, por exemplo. Seu fim é o útil e o prejudicial. Esse gênero é totalmente alheio à carta de Cânace. No judiciário, o ouvinte decide sobre o passado, é uma espécie de juiz. Seu fim é o justo e o injusto. No demonstrativo, o ouvinte é espectador e se pronuncia sobre a faculdade oratória. Seu fim é o belo e o disforme.

Na carta de Cânace, somente os dois últimos gêneros estão, de alguma forma, presentes: um texto, sob certos aspectos, mais judiciário que demonstrativo. De qualquer forma, desperta fortes emoções e o faz, naturalmente, com versos fluidos e bem articulados; é, sem dúvida, um texto da paixão. É quase impossível não se compadecer da jovem apaixonada Cânace. Extremamente patéticos são, também, os argumentos e a forma como são apresentados, como se verá.

¹ ARISTÓTELES. *Arte retórica*, I, II, 3.

O eixo argumentativo da carta objetiva, fundamentalmente, contrastar o enaltecimento do caráter de Cânace e os móveis de suas ações e censurar o caráter de Éolo e os móveis das ações dele. Pode-se afirmar que é o contraste de um discurso laudatório com um detratador. Assim, a censura de Éolo é construída tanto com base na detração de seu caráter e na injustiça e infâmia de suas ações, porque amparadas em motivos "frágeis", incapazes de efetivamente lhes dar suporte ou justificativa, quanto no louvor do caráter de Cânace e na impossibilidade de exigir dela outra ação. É, *contrario sensu*, o louvor de Cânace. Quanto às ações mesmas, elas não são sequer discutidas. A relação incestuosa e a tentativa de aborto – com relação a Cânace – e o assassinio do neto e a ordem de suicídio dada à filha – com relação a Éolo são consideradas incontra-venturas, seja quanto à autoria, seja quanto à existência; ocorreram de fato. A própria Cânace o assume; não o problematiza em momento algum. O objeto do juízo, quer de justiça, quer de "beleza"/"feiúra", são os móveis dessas ações, o que lhes subjaz, as circunstâncias em que sucederam, o caráter de quem as empreendeu. Daí que os argumentos de Cânace sejam prevalentemente afetivos, ora éticos (*ethos*), ora patéticos (*pathos*). E a ocorrência destes sobrepuja em muito a daqueles.

Não é excessivo dizer que a carta é um verdadeiro libelo contra Éolo, nem que lhe poderia ter sido dirigida. Talvez Cânace queira uma espécie de redenção. Certo é, de qualquer forma, que não pretende um julgamento formal. Sua carta é dirigida ao irmão-amante, o auditorio, em princípio. Longe de querer tal julgamento, ela sabe que sua morte é inevitável, condenada pelo pai. Uma condenação injusta de um pai impiedoso. É a essa conclusão que se é levado pela leitura do poema, e é interessante analisar que tipos de argumentos são apresentados para tanto e como são estruturados.

O lugar mais recorrente do poema é o exame dos motivos das principais ações realizadas. Conforme já dito, não se lhes discute a existência. Sobejam no texto exemplos de fatos anteriores,² que

² É um dos tipos de exemplo que podem ser utilizados pelo orador, segundo Aristóteles: Há duas espécies de exemplos: a primeira, que consiste em referir fatos anteriores, a segunda, que consiste em invenções feitas pelo

sustentam as afirmações de Cânace a respeito do caráter do pai.

Éolo é colérico e cruel; Cânace, doce e inocente. Éolo age movido pelo ódio e pela vergonha; Cânace, pelo amor e temor. O caráter e as ações de Éolo despertam indignação e repulsa; os de Cânace, compaixão e empatia. O contraste é patente. Para Cânace, talvez a questão fundamental seja a severidade da punição contra si e contra seu filho, o ódio do pai contraposto ao seu amor pelo irmão. A seguir, será analisada a estratégia discursiva do "eu-lírico" para conseguir tais efeitos no "auditório".

Logo, supostamente, no dístico introdutório,³ Cânace refere-se a si mesma como *Aeolis* e ao irmão como *Aeolidae*,⁴ para lhes salientar a ascendência comum, filhos de Éolo. Isso é extremamente significativo, porque é essa ascendência comum, Éolo, a causa de todo o mal que a aflige. Ainda é digna de nota a disposição desses termos: são as duas primeiras palavras do poema, colocadas lado a lado, justapostas, unidas como os dois irmãos.

Ainda no primeiro dístico, há referência à dor padecida por Cânace, que não dispõe de *salutem*, porque empunha uma arma, uma espada com a qual está prestes a matar-se e, assim, inevitavelmente, associa-se de antemão sua ascendência, o pai, em específico, ao seu sofrimento. Começa, assim, ainda que sutilmente, com tal alusão, a construção de uma imagem negativa de Éolo. O argumento se completa nos dísticos seguintes com a imagem dela a empunhar a "espada nua" – *ferrum strictum* (v. 3) – com a mão esquerda e, com a direita, uma pena, a escrever com o pergaminho sobre o colo, às pressas, da forma como lhe era possível; e alerta sobre a possibilidade de seu sangue borrá-lo e impedir a leitura da carta. Ela se refere a si mesma com *dominae*,⁵ que tem sentido nitidamente ligado à relação de amor existente entre ela e o irmão. Há,

orador (ARISTÓTELES, *Arte retórica: Arte poética*, I, XX, 1).

³ Há editores que têm por espúrio o primeiro dístico a que se faz referência aqui. Para todos os fins, não o consideraremos, em seguida, na contagem dos versos da epístola.

⁴ OVIDE, *Les Heroïdes*, XI, dístico controverso: "Aeolis Aeolidae, quam non habet ipsa, salutem/ mittit et armata verba notata manu." – "Ao filho de Éolo a filha envia o bem, de que ela própria não dispõe;/ e, com uma arma em punho, palavras escritas." (Todas as traduções das *Heroïdes* são de minha responsabilidade).

⁵ OVIDE, *Les Heroïdes*, XI, 2: "Obilitus a dominae caede libellus erit." – "A carta terá se manchado do sangue da amante."

então, aqui, dois argumentos afetivos: um ético, conformador do caráter de Cânace, que busca inculcar no auditório a ideia de que é muito amável, magnânima e corajosa⁶ – ora, uma ação tão nobre em alguém prestes a morrer, sofrendo uma dor indizível, é algo louvável e raro! –, outro patético, que constrói a imagem clássica⁷ de sofrimento grave e iminente, a despertar compaixão. O argumento ético é essencial para a eficiência do patético. A compaixão é despertada com maior vigor quando a pessoa que se submete ao sofrimento o padece imerecidamente. A conjugação desses dois argumentos é, ainda, útil para gerar certa indignação contra o responsável por impingir um sofrimento tão grave a alguém "que não o merece", independentemente de quem seja, e, assim, aumentar ainda mais a compaixão. Mas, vale lembrar, já se insinuou ser o pai o responsável.

Ela completa a imagem referindo-se a si como *Aeolidos scribentis*.⁸ Quem escreve é a filha de Éolo, o que remete ao início do poema. Ela está nesse estado por vontade do pai, para cumprir-lhe uma ordem, para agradá-lo: "Assim pareço poder agradecer ao duro pai".⁹ Ao mesmo tempo em que se desperta mais compaixão diante dessa situação em que ela se encontra, provoca-se indignação contra a figura paterna, dado o horror de se exigir o suicídio à filha, independentemente da motivação. Ela lhe atribui cabalmente a responsabilidade do suicídio; é ele o autor do ato infame, ela apenas lhe cumpre a vontade: "E a obra terminada aos olhos do responsável."¹⁰ E ainda se refere ao ato com *necis (nex)*, uma violência, em clara oposição a *mors* (morte natural).

Ele assistiria, acrescente Cânace, impassível ao suicídio de sua própria filha; não seria capaz, sequer, de derramar uma lágrima. Ele presenciaria o crime "de olhos secos" (*siccis genis*). Nem se pode

esperar algo diferente dele, porque vive em meio à sevícia, com seus furiosos ventos – ventos, aliás, que, a despeito da fúria e da violência, é capaz de governar (*imperat*). Mas o senhor dos ventos não é capaz de domar sua própria "ira intumescida" (*irae tumidae*). Esse é um lugar – de uso não raro¹¹ – bastante eficaz para mostrar a contradição de alguém que, concomitantemente, exerce forte influência sobre outrem, a ponto de o dominar, e não consegue dominar a si próprio.

Nos quatro versos seguintes, ela se pergunta de que lhe serve, na situação em que se encontra, a estirpe divina, e conclui de nada valer ser descendente de Júpiter: morrerá da mesma forma. Talvez se possa identificar uma espécie de modéstia que a sirva à construção de um bom caráter: outro argumento ético influente perante o "auditório".

Até o verso dezesseis, temos, portanto, essa imagem construída por Cânace: ela está prestes a suicidar-se por ordem de um pai cruel e colérico, incapaz de comover-se com a morte da própria filha. A causa dessa atitude de Éolo ainda não foi apresentada no poema. Antes de qualquer referência a seus atos, Cânace já construiu de si a imagem de uma mulher delicada, corajosa, modesta e amável, que está prestes a suicidar-se por ordem de um pai colérico e perverso, enfim, injusto. A imagem do pai contrasta com a da filha. A censura ao pai torna o sofrimento da filha ainda maior, e a boa imagem da filha, o pai mais cruel e injusto. Independentemente do que tenha levado o pai a exigir o suicídio da filha – e é interessante repisar que não há ainda, até esse ponto, sequer uma alusão ao motivo – já há a predisposição a considerar tal desígnio injusto, cruel, descomedido, horrendo, desproporcional. Assim, o vigésimo verso poderia ser considerado um marco da estratégia argumentativa e dito, segundo a divisão aristotélica do discurso, um "exórdio", quando se indica o assunto de que trata o discurso.

A partir daí são apresentados argumentos que, de uma forma ou de outra, sustentam o que já foi apresentado. É, então, apenas no vigésimo primeiro verso, revelado o motivo pelo qual Cânace se

⁶ São interessantes essas disposições de caráter, porque constituem apanágio dos jovens (ARISTÓTELES. *Arte retórica*; *Arte poética*, I, XII, 2). É perceptível a alusão à juventude de Cânace, à sua falta de experiência e, até mesmo, à sua ingenuidade. Posteriormente, ao falar a respeito de como o amor pelo irmão a arrebatou, tornam-se patentes tais disposições.

⁷ ARISTÓTELES. *Arte retórica*; *Arte poética*, I, VIII, 1: "A morte é uma causa dolorosa e destrutora que desperta compaixão."

⁸ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 5: "Haec est Aeolidos fratri scribentis imago," – "Essa é a imagem da filha de Éolo que escreve ao irmão";

⁹ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 6: "Sic videor duro posse placere patri."

¹⁰ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 8: "Auctoris oculis exigeretur opus!"

¹¹ JACOBSON. *Ovid's "Heroides"*, p. 164.

encontra condenada à morte, até então oculto, obviamente mantido sob suspensão, como recurso retórico, com o uso de um subjuntivo volitivo para lhe expressar um desejo que denotaria algum arrependimento. Trata-se de uma relação incestuosa entre ela e seu irmão Macareu: "Ó Macareu, o instante que nos uniu num só/ tivesse vindo depois de minha morte".¹² É a primeira vez que ocorre no poema o nome Macareu, e com uma fortíssima carga afetiva. Isso é muito significativo, porque, antes, a referência ao irmão (*Aeolidae*) era, na verdade, indireta e dirigida a Éolo, tendo a finalidade já descrita de censura ao pai e louvor a Cânace.

O vocativo empregado afetivamente – *Macareu* – também contribui para o esboço do caráter da moça, fortemente movida por seu amor. Aqui, o horror que o incesto, interdito social, verdadeiro tabu, poderia causar não é capaz de minorar o horror da ação do pai a exigir da filha que se suicide. O sobressalto que o incesto causa está sensivelmente mitigado pelo sofrimento de Cânace e pelo seu caráter e, ao mesmo tempo, pelo próprio caráter do impiedoso Éolo.

Já a respeito do amor que lhe era desconhecido. Vários incidentes, cuja causa lhe era obscura,¹³ sucederam e causaram-lhe certa estranheza: a mudança radical de hábitos alimentares, a dificuldade de dormir e os sonhos difíceis, o sofrimento sem dor física aparente.¹⁴ De fato, são argumentos que reafirmam sua já insinuada ingenuidade, a pouca idade, a falta de experiência, a inocência, a incapacidade de perceber o que lhe acontecia. Essa conformação de seu caráter será corroborada pelo fato de ela não ter certeza de que amava o irmão, nem saber exatamente o que é amar: "Nem sabia o que fosse ser amante, mas o era."¹⁵ É interessante que ela não diz expressamente¹⁶ "eu amava meu irmão", "eu estava apaixonada

por Macareu" ou qualquer coisa do tipo, mas refere-se a esse amor de forma indireta com o uso de *illud*. Ela diz somente: *Illud eram*.¹⁷ O emprego pessoal do demonstrativo foi muito feliz para insinuar certo afastamento ou estranhamento. Há, aqui, uma pequena perda de afetividade, compensada pelo enorme ganho na construção de uma imagem que se calca, principalmente, no ingênuo. E assim, quem efetivamente o percebeu de início foi sua nutriz, a primeira a dizer – isso é salientado pela repetição do adjetivo *prima*, ligado à *nutrix*, no início dos versos 33 e 34: "Primeiro a nutriz, seu coração experiente, pressentiu o mal./ Primeiro minha nutriz me disse: 'Filha de Éolo, estás apaixonada'."¹⁸ Além disso, a característica da nutriz *animo anili* (v. 33), que lhe permitiu tal percepção, contrasta com a ingenuidade e inocência de Cânace, incapaz de saber o que ocorria consigo mesma, inocência ainda expressa pelo diminutivo *occellos*¹⁹ (v. 35) do verso seguinte, quando se descreve sua reação envergonhada e a falta de palavras diante da revelação da experiente nutriz. Cânace usa, eficientemente, a força exemplificadora de vários fatos para afirmar e sustentar sua ingenuidade e inocência, ora contrastando-a com a experiência da nutriz, ora afirmando-a por si mesma.

Ao mesmo tempo, ainda quanto ao amor que sente pelo irmão, ela mesma reconhece a desdita que ele lhe poderia causar, mas não só a ela, por ser algo proibido, e o chama *malum* (v. 33). Um mal que ela, porém, apesar dos esforços, não pôde vencer. Mais um argumento que ameniza sua eventual culpa, porque demonstra certa repulsa ao comportamento a que foi conduzida por um sentir contra cuja força nada pôde.

No trigésimo sexto verso, há a primeira referência à gravidez de Cânace, fruto de sua relação com Macareu. E não são palavras de fausto as que a referem, porque decorrente de um amor espúrio, um interdito, um *malum*. As palavras que aludem à gravidez são, ainda,

¹² Literalmente: "eu era aquilo".

¹³ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 33-34: "Prima malum nutrix animo praesensit anili./ prima mihi nutrix 'Aeoli', dixit, 'amás'."

¹⁴ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 35: "Erubui, gremioque pudor deiecit ocellos:" – "Corei, e a vergonha lançou-me os pobres olhos ao seio."

algo indiretas. Eis alguns exemplos: *Ventris pondera vitiati* ("peso do meu ventre corrompido", v. 37), *onus furtiuum* ("fardo clandestino", v. 38), *onus* ("fardo", v. 42), *crimenque onus* ("crime e fardo", v. 64). Tais referências, sempre negativas, como é fácil perceber, sugerem que a gravidez ocorreu a despeito da vontade dela, algo contra cuja ocorrência nada pôde fazer. No parto, vencida pelas dores que a acometeram, é novamente auxiliada pela sua experiente nutriz – *anus conscia* ("velha cúmplice", v. 50). Aqui, de novo o contraste entre juventude e maturidade, entre ingenuidade e malícia, entre Cânace e sua nutriz. Ela mesma o reafirma ostensivamente: *Nova miles eram* ("jovem recruta eu era", v. 48).

A sua ingenuidade, inocência, inexperiência, modéstia, enfim, todo o seu caráter construído no desenvolvimento da carta, de alguma forma, contrastam com a bravura que, insinuada logo no início do poema, patenteia-se neste dístico: "Eu sei, e usarei bravamente a terrível espada:/ em meu peito guardarei o presente paterno".²⁰ O advérbio *fortiter* caracteriza a ação: não será covarde, agirá com bravura, força, embora isso não fosse exigido nessas circunstâncias. Aqui, de novo a retomada a uma referência negativa ao pai – *dona paterna* – para não deixar apagar-se, pelo contraste, sua covardia. Também no último verso Cânace o reafirma a seu irmão: "Eu mesma cumprirei a ordem paterna".²¹ Mas, fundamentalmente, essa bravura contrasta com a covardia do pai, que exigiu o suicídio da filha e mandou matar com brutalidade o seu neto, e é essencial, como verdadeiro argumento ético, por um lado, para o bom esboço do caráter de Cânace; por outro, para a detração do de seu pai. Ela não fugirá a esse destino desditoso. Sabe-se disso, conforme dissemos, desde o início do poema, quando se constrói uma imagem feminina que porta uma espada desembainhada. Ela cumprirá a vontade paterna, a despeito da crueldade e da injustiça dele.

O caráter patético da carta atinge seu ponto máximo quando Cânace descreve o momento em que a criança é arrebatada de si e

levada às feras para ser devorada.²² Sua agonia, cuja descrição ela evitou e deixou a cargo da imaginação de Macareu, desperta compadecimento mesmo no mais frio dos mortais. E, de forma muito efetiva, para gerar ainda mais compaixão e piedade, Cânace confunde o filho consigo própria, como se a morte dele fosse a morte dela mesma. As feras devoram, assim, as vísceras dela, uma parte de seu corpo, enfim, a ela mesma: "Despedaçam-me as entranhas as ávidas feras".²³

Quanto ao pai, Éolo, Cânace lança mão de vários exemplos para comprovar seu caráter cruel, impiedoso e colérico, cuja imagem havia já construído nos primeiros versos do poema. Na tentativa baldada da nutriz de enganá-lo a respeito do nascimento do filho de Cânace e subtraí-lo aos olhos do avô, Éolo, ao descobrir o logro, arrebatada enfurecido a criança e grita retumbantemente:²⁴ o verbo que descreve a ação de Éolo é *eripio*, de *rapio*, relacionado com a ideia de força, violência; e a reação dele é caracterizada por um grito furioso, insano, demente, louco: *Insana voce*. Essa reação, apenas percebida por Cânace, que se encontrava em seu quarto aguardando a nutriz, desencadeia nela tamanho pavor – *gelido metu* – que redonda em lágrimas e, ainda, na incapacidade de falar.²⁵

A cólera de Éolo é de tal magnitude que não pode ser refreada de modo algum, e ele lhe dá vazão, a despeito da vergonha de divulgar o incesto de seus filhos. A cólera, portanto, supera até mesmo a vergonha que ele terá de suportar e, de certo modo, sobrepuja eventuais escrúpulos de manter em segredo a desonra familiar.²⁶

Éolo foi incapaz de comover-se com o choro do neto. Assistiu impassível ao sofrimento do filho de seu filho e de sua filha, movido

²² OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 87-90: "Quid mihi tunc animi credis, germane, fuisse/ (nam potes ex animo colligere ipse tuo)/ cum mea me coram silvas inimicus in altis/ viscera montanis ferret edenda lupis?" – "Que supões, ó irmão, ter sido de meu peito quando/ (tu próprio podes compreender por teus sentimentos!)/ diante de mim, o inimigo, a florestas profundas,/ levava-me as entranhas aos lobos monteses para serem comidas?"

²³ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 118: "Diripiunt avidae viscera nostra ferae."

²⁴ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 73-74: "Eripit infanтем mentitaque sacra revelat/ Aeolus; insana regia voce sonat." – "Éolo arrebatou a criança, descobre os sacrifícios simulados;/ com furiosa voz o palácio ressoa."

²⁵ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 81-82: "Ipsa nihil praeter lacrimas pudibunda profudi:/ Torpuerat gelido lingua retenta metu." – "Eu mesma, com vergonha nada além de lágrimas derramei:/ entorpecera-se com o medo gelido minha língua reprimida."

²⁶ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 79: "Inruit et nostrum vulgat clamore pudorem;" – "Precipita-se, e com gritaria propala minha vergonha".

talvez pela necessidade de apagar a mácula de um incesto em família, pela vergonha de o assumir e de com ele conviver, e, ainda, pelo seu caráter colérico. Para Éolo, apagar todos os rastros do incesto teria, talvez, o mesmo efeito de ele nunca ter existido. Daí a necessidade de matar neto e filha, de não deixar vestígio algum. E essa ideia de apagamento completo, que redonda em uma pseudoincestância, é clara e lastimável para Cânace.²⁷ Assim, sem demora, Éolo ordena que o neto seja entregue às feras para ser comido. Enorme crueldade a confirmar, como exemplo, o caráter de Éolo e a provocar indignação, como algo realmente repugnante.²⁸ O uso de *parvum nepotem* ("pequeno neto", v. 83) para aludir à criança, ao mesmo tempo, acentua a relação de consaguinidade entre ela, recém-nascida e totalmente indefesa, e Éolo e frisa-lhe a sujeição completa à vontade do avô (e à ação das feras). Os exemplos apresentados por Cânace, da forma como se mostram, são muito eficientes para corroborar o que foi construído principalmente no início do poema. E o que torna ainda mais abominável o crime de Éolo é a completa inocência da criança indefesa.²⁹ Nem ela, com seu choro compassivo de recém-nascido,³⁰ fora capaz de dissuadir Éolo, que, tomado de ingente cólera e da vergonha do incesto em família, sequer hesita em trucidar o neto. Não lhe sobrevém escrúpulo algum com essa resolução. O emprego do mais-que-perfeito – *iusserat* (v. 84) – e do advérbio *iam* (v. 83) não deixam dúvida alguma quanto a isso.

Por outro lado, enviar de presente à filha uma espada para que ela se mate parece algo tão abominável que o próprio Éolo não o faz diretamente, não tem coragem de operá-lo, e ordena a um membro de sua guarda que aja. Ele cumpre a ordem, mas não sem demonstrar certa comoção pelo ato *vultu marente* ("de rosto triste", v. 93), bem como a incapacidade de se lhe referir diretamente (v. 95-96). A vileza do ato é suficientemente explorada por Cânace, que lhe dá

significativa amplificação com duas perguntas dirigidas ao pai³¹ – os vocativos *pater* e *genitor* têm um emprego muito adequado para isso! – e, portanto, acresce a vileza do autor, Éolo.

Já no fim da carta, Cânace, dirigindo-se diretamente ao irmão, pede-lhe que cumpra suas vontades, porque ela mesma cumprirá a do pai, mais uma vez demonstrando coragem. É interessante notar que *patris* é a última palavra do poema.

A análise retórica da carta permite evidenciar a riqueza poética e retórica do texto quanto à apresentação de argumentos idôneos a, concomitantemente, construir uma imagem positiva de Cânace, compadecer-se dela e "perdoar-lhe" a conduta, e construir uma imagem contrária de Éolo, indignar-se com sua conduta e condená-lo. Dada a efetividade com que os argumentos são construídos, apresentados e organizados no texto, tais efeitos parecem plenamente atingidos.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica; Arte poética*. Tradução de António Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, [S.d].
- JACOBSON, H. *Ovid's Heroïdes*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- OVIDE. *Les Héroïdes*. Traduction par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

²⁷ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 120: "Nec mater fuerit dicta nec orba diu." – "Nem mãe nem falta do filho serei chamada por muito tempo."

²⁸ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 83-84: "Tamque dari parvum canibusque nepotemy/ iusserat, in solis destituique locis." – "E já tinha ordenado que o pequeno neto fosse entregue/ a cães e aves, e abandonado em lugar deserto."

²⁹ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 108: "Quo laesit factio vix bene natus avum?" – "Como, apenas nascido, ofendeu o avô?"

³⁰ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 86: "Quaque suum poterat voce rogabat auum." – "E, com a voz que podia, suplicava a seu avô." (O emprego de *avum* é digno de nota).

³¹ OVIDE. *Les Heroïdes*, XI, 99-100: "His mea muneribus, genitor, conubia donas?/ Hac tua dote, pater, fila dives erit?" – "Ofereces, pai, estes presentes por meu casamento?/ Tua filha, pai, ficará rica com este dote?"

Duas ousadas Medeias por Ovídio: *Heroides* – "Medea Iasoni" e *Metamorphoseon*, VII, 1-424

Matheus Trevizam

Júlia Batista Castilho de Avellar

Bruno Francisco dos Santos Maciel

Introdução

O tema deste trabalho envolve o confronto com a diferença, de maneiras que não se podem dizer imediatamente redutíveis ao uno: de um lado, ao abordar o mito grego de Medeia, segundo elaborado em latim pelo poeta romano Públio Ovídio Nasão, divisamos, para os presentes fins,¹ no mínimo duas produções literárias distintas, identificadas, em sua linha cronológica de escrita, com uma epístola comum às demais das *Heroides* – *Medea Iasoni* – e com uma longa passagem do estranho "épico" correspondente às *Metamorfoses* (VII 1-424).² Por outro, a protagonista dessa específica carta ovidiana e sua correlata "épica" das *Metamorfoses* definem-se, como adiante esclareceremos, no primeiro caso, pela natureza exacerbadamente passional – e portanto, aos olhos dos antigos, despuadoradamente feminina³ –, no segundo, além desse traço amoroso, pela sanha destrutiva sem seguros limites.

Embora tratemos sempre da "mesma" Medeia, está-se a ver que sua incorporação por estruturas literárias distintas – epístola amorosa ou "épica" – favorece o direcionamento de caracterização

¹ Numa sua tragédia perdida, intitulada *Medea*, Ovídio deu vazão à história dessa princesa colca pela terceira vez.
² O estatuto genérico das *Metamorfoses* de Ovídio oferece alguma dificuldade para os estudiosos da literatura latina em função do próprio caráter inusitado da obra; assim, assistimos ao longo de seus copiosos versos – compostos em hexâmetros datílicos, o mesmo metro das narrativas heroicas ocidentais desde Homero – o desenrolar contínuo de histórias a tematizarem aventuras de heróis e deuses, mas falta um centro estruturador da obra, pois muitas lendas distintas, na verdade, seguem-se em hábil demonstração poética do princípio básico da mutabilidade de todo o cosmos. Se se houvesse de propor alguma vaga linha condutora da unidade do poema, por sinal, seria ela justamente essa ideia da contínua transformação dos seres, segundo já indicada em seu título grego.

³ Ovídio. *Ars amatoria*, I, 281-282: "Parcior in nobis nec tam furiosa libido:/ legitimum finem flamma virilis habet."
– "Em nós o desejo é mais moderado, e não tão furioso:/ a chama viril tem um fim conveniente." (Tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar).

da personagem para peculiares modos de realizar-se na alteridade, propiciando-nos, assim, renovada chance de confronto com esse instigante perfil feminino. Dessa maneira, nossas reflexões a respeito da diferença, ou até, da monstruosidade na(s) personagem(s) de Medeia tal como tratada por Ovídio nas obras que aqui comentamos irão se pautar pela tentativa de demonstrar como se passa do apaixonado censurável... para o passível de despertar o horror.

Alteridade como inserção de Medeia na caracterização de heroína elegíaca

As assim chamadas *Heroïdes* (ou *Epistulae Heroïdum*) de Ovídio apresentam-se ao leitor como um *corpus* poético dotado de grande homogeneidade compositiva: afinal, o que entrevemos ao longo dessa coletânea epistolar fictícia corresponde, quase sempre, às queixas de personagens femininas do mito – Penélope, Dido, Cânace, Medeia, Helena de Troia... – diante de amantes/esposos ausentes a quem se dirigem no abandono em que se acham. Apenas não atendem a essa descrição sumária um grupo de cartas postas ao final da coletânea, pois que seus "remetentes" são homens – Páris a Helena (XVI), contraponto da epístola de Helena a Páris – XVII), Leandro a Hero (XVIII, contraponto da de Hero a Leandro – XIX) e Acôncio a Cidipe (XX, contraponto da de Cidipe a Acôncio – XXI) – em correspondência com as amadas.

Ora, na carta que direciona a Jasão queixosa do injusto abandono a que ele a submettera para casar-se com outra mulher mais jovem, acreditamos, abalizados em bibliografia específica⁴ e na direta leitura do original latino, poder divisar, como nas demais, traços do gênero da elegia erótica romana. Nesta produção caracteristicamente associável às letras de Roma, como sabemos, tem-se sempre como "protagonista" das obras de seus três maiores autores – Propércio, Tibulo e o próprio Ovídio, com os juvenis *Amores* – a figura de um apaixonado obsessivamente entregue às malhas da paixão por uma mulher que não o deseja na mesma medida de seu afeto:

É exemplar, para compreender a situação em que se descreve o apaixonado elegíaco, o comportamento de Propércio: o poeta, que sofre por um amor não correspondido, que se sujeita submisso a servir à sua amada, que, em vez de reagir virilmente ao sofrimento do amor, deseja a fuga do mundo e começou a detestar as *castae puellae*, coloca-se automaticamente fora da sociedade, de cujos princípios fundamentais não compartilha. No momento em que o poeta decidiu escrever versos de amor, escolheu também um modo de vida: aguarde-o a *paupertas*, que tradicionalmente acompanha o poeta do amor; mas o afeto de sua amada é maior que qualquer riqueza. Essa opção, que assume um valor programático em razão da identificação entre opção de vida e opção de poesia, é diametralmente oposta à tradicional moral romana: engajamento político, superioridade absoluta do homem em relação à mulher, distanciamento da paixão do amor são substituídos por atitudes opostas (desinteresse político, condição de *servitium* do apaixonado perante sua *domina*, aceitação dos sofrimentos do amor), que se tornam realmente os assuntos preferidos do canto elegíaco. Dinheiro, guerra, honras são colocados no mesmo plano e com desprezo recusados pelo poeta elegíaco.⁵

Mutatis mutandis, as heroínas da coletânea epistolar ovidiana identificada com as *Heroïdes* – entre elas, Medeia – apresentam-se nos todas como mulheres a extravasarem chorosas dores passionais, apesar de variadas, imutavelmente absorventes de seu ser e a colocarem-nas à *inteira mercê dos amados*: a personagem que nos interessa, por sinal, inicia sua epístola recordando a chegada dos Argonautas, liderados por Jasão, à Cólquida natal, e seu quase que imediato enamoramento por esse belo jovem (v. 7ss). Trata-se de um tema já presente na elegia erótica romana típica, pois, num poema tão antológico dessa produção quanto o primeiro do *Monobiblos* properciano, *ego* se queixa de ter sido irremediavelmente arrebatado pela beleza de Cíntia.⁶ Em seguida, Medeia, em estratégia de acusação do ex-companheiro – para fazê-lo, talvez, tornar a casa por uma improvável crise de consciência! – relembra toda a série de embaraços que arrostou para auxiliá-lo a vencer as dificuldades em seu caminho de tomada do velocino de ouro e volta para a Grécia (v. 21-22ss), até chegarem à pacata vida familiar com os filhos na cidade de Corinto.

⁴ Cf., a esse respeito, *Introdução* de Giampiero Rosati à tradução italiana das *Heroïdes* de Ovídio.

⁵ FEDELI. *Bucolica, lírica elegíaca*, p. 109 (tradução por Bruno Francisco dos Santos Maciel, do original italiano).
⁶ PROPERCIO. *Elegias*, I, 1, 1-2: "Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis./ contactum nullis ante cupidinibus."
– "Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que me enfeitou/ (infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma forma de paixão.)" (Tradução de Zélia de A. Cardoso).

Em tal percurso, como sabemos, Medeia, sem poder vencer a paixão ao jovem, resolveu-se por trair a pátria e seu sangue real – de filha do soberano do país e neta do Sol – para seguir só no encalço de um estrangeiro. Por esse motivo, a partir da hora da fuga da Cólquida com o velo, o mundo de Medeia passou-se a res-tringir ao próprio Jasão, de um modo condizente com a *complete* absorção dos apaixonados elegíacos por tudo o que dizia respeito a suas volúveis amadas. Sintomaticamente, um dos mais importantes elementos preteridos na vida de amantes a tal ponto devotados cor- responde, além das honrarias de que poderiam desfrutar caso isen- tos de tais amores,⁷ ao acato aos valores familiares ortodoxos. Com efeito, as mulheres amadas pelos elegíacos – Délia, Nêmesis, Corina e Cíntia – não eram para que um homem "de bem" se casasse e as fizesse matronas convencionais: inconstantes, sedentas de prazeres e de novos relacionamentos amorosos, refinadas, seguras manipula- doras dos destinos próprio e alheio, mais lembravam as audaciosas cortesãs da "Comédia Nova" greco-latina. Entretanto, foi de figuras assim que se chegou a dizer:

É sem dúvida uma mulher rara, como o próprio amante o afirma (I, 8, 42). É a razão de sua existência (I, 11, 22), a fonte de sua inspiração (II, 1, 4), a causa de suas alegrias e tristezas (I, 11, 26). É sua família (I, 11, 23), sua esposa (II, 6, 42), sua vida, sua luz. É a glória de Roma (II, 3, 43), o tema de sua poesia (II, 1; 11 e 34), seu primeiro e último amor (I, 12, 20), seu único amor.⁸

Ora, Medeia, sempre tão ciosa do bem de Jasão, viu-se, na verdade, reduzida a uma condição familiar semelhante à de seus "pares" no âmbito daquela poesia amorosa de "eu-lírico" masculino: isolada da sociedade "de bem" (que sepultara em definitivo com a fuga e a traição aos seus), presa a alguém volúvel num mundo des- lealmente regido pelas regras dele, tendo-se por "esposa", ou par- ceira unida por laços duradouros, de um homem capaz de esquecer-

⁷ Assim, aos varões romanos de posição respeitável, em geral caberia perpetuar seu nome na prole e no casamento, assumir responsabilidades em favor da república e aumentar ou, no mínimo, conservar, pelo tenaz desempenho de fazeres rendosos, os bens herdados; mas, a uma Medeia, casar-se regularmente com um príncipe ou manter-se resguardada no prestígio da casa real colca e de poderosa sacerdotisa de Hécate.

⁸ CARDOSO. A representação da mulher na poesia latina, p. 275.

se de todo o caminho de devotamento de sua parte, mas, de fato, apenas feita pobre concubina em país estranho...

Lembramos, enfim, que a paixão amorosa, em Roma antiga, com muita frequência se teve por condenável sinal da fraqueza de suas vítimas e, ainda, móvel de desgraças.⁹ Assim, idealmente, cabia aos esposos demonstrar frieza afetiva no relacionamento conjugal, aos homens "merecedores deste nome", livrar-se do apego a quais- quer amantes por manifestarem controle e virilidade e, às mulhe- res castas, refugiar-se na modéstia e no resguardo de emoções tão associadas à "fraqueza" feminina e ao despudor.¹⁰ Dessa forma, assim como a obstinada teimosia dos apaixonados masculinos do *corpus* elegíaco estrito os tornava, com o firme enclausuramento nos curtos limites de uma vida amorosa infeliz, facilmente suscetíveis de ataques morais dos que viam na paixão desenfreada indelével signo da "moleza" de caráter de suas "vítimas",¹¹ mulheres como Medeia, aberta correspondente de Jasão na coletânea de cartas a que aqui nos referimos, arriscam-se a uma perigosa distância dos padrões de decência cabíveis às "respeitáveis" representantes de seu sexo na antiga sociedade romana.

Alteridade como aproximação de Medeia do monstruoso

Uma caracterização mais afim à da monstruosidade encontra-se, para a mesma Medeia, porém, em algumas passagens do livro VII das *Metamorfoses* de Ovídio. De início, pois, nota-se que, enquanto a epis- tola das *Heroides* a tê-la como protagonista restringe o drama dessa mulher a um ponto muito específico de sua conturbadíssima trajetória vital (os limiares do infanticídio e da fuga fabulosa de Corinto), a ver- são das *Metamorfoses* relata, ao longo de 424 versos, desde a vinda dos Argonautas ao rio Fásis até a fuga de Medeia de Atenas após sua malograda tentativa de envenenar Teseu, o enteado. Assim, enquanto

⁹ TITO LÍVIO. *História romana*, I, 57-59.

¹⁰ Grimal, posicionando-se sobre a natureza do amor apresentado das *Heroides* (*O amor em Roma*, p. 163), observou: "O amor dos amantes, um amor humano, levado à plenitude, é descrito sob mil formas nas *Metamorfoses* e nas *Heroides*. [...] Assim também as *Heroides*, que são cartas fictícias atribuídas às heroínas da lenda, emprestam aos apaixonados de antanho os sentimentos analisados em *Amores* e *Arte de amar*: Penélope, Ariadne, Laodâmia pensam e sentem como cortesãs – mas porque o amor das cortesãs é o que melhor permite chegar à plenitude e à verdade da paixão."

¹¹ VEYNE. *O império romano*, p. 186.

naquela epístola Medeia, em desespero de ciúmes e traição, restringia-se elegiacamente a requerer a volta de Jasão – seu único bem – para um pacato retorno à vida de "esposa" à grega, sua correlata das *Metamorfoses* assume segura as rédeas de um destino decisivamente pautado pela ultrapassagem de limites: correspondem a essa descrição, sobretudo, os episódios da morte de Pélias em suas mãos enganadoras (VII, 297-349), da vingança contra Jasão em Corinto (VII, 394-397) e da tentativa de assassinio de Teseu (VII, 404-424).

A esse respeito, interessa ressaltar como Medeia é apresentada praticamente de modos opostos nos dois textos ovidianos. Nas *Metamorfoses*, todos os seus atos são expostos, sem que sejam omitidos os crimes e as atitudes condenáveis, fazendo com que ela se caracterize pela crueldade. Diferentemente, em sua epístola para Jasão, o "eu-lírico" apaixonado destaca sua generosidade mediante o amado que, no entanto, a abandona. Ora, para obter o retorno dele, Medeia ressalta os diversos favores e benefícios que concedera a Jasão: o fato de ter abandonado a pátria e a família para ser sua esposa (v. 109-112), o auxílio para atrelar os touros de pés de bronze e alento de fogo (v. 39-44 e v. 93-94), para vencer o exército nascido de sementes (v. 45-48 e v. 95-100), para enganar o guardião do velo de ouro (v. 49-50 e v. 101-102) e, assim, obtê-lo.

Num ensaio esclarecedor, a propósito, Jeffrey Jerome Cohen delimitou as fronteiras do monstruoso, entre outras possibilidades, com base nos critérios de "crise de categorias" e de existência "nos portões da diferença":

Essa recusa a fazer parte da "ordem classificatória das coisas" vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma – suspensa entre formas – que ameaça explodir toda e qualquer distinção [...] O monstro é, dessa forma, a corporificação viva do fenômeno que Derrida (1974) rotulou de "o suplemento" (*ce dangereux supplément*): ele desintegra a lógica silogística e bifurcante do "isto ou aquilo", por meio de um raciocínio mais próximo do "isto e/ou aquilo", introduzindo o que Barbara Johnson (1981, p. XIII) chamou de "uma revolução na própria lógica do significado".¹²

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além – de todos aqueles *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.¹³

Ora, Medeia, conforme a nós apresentada por Ovídio em decidido empenho para realizar atos de violência como os acima aludidos, corresponde a uma figura não de todo bem enquadrada nos parâmetros da completa "normalidade". Em primeiro lugar, em atenção à primeira categoria do monstruoso esboçada por Cohen, essa mulher se reveste de um caráter híbrido, no confronto com Jasão, por assumir, apesar de seu sexo, postura de "viril" liderança: como descrito pelo poeta (v. 92ss), não fosse a decisão pessoal dessa mulher de auxiliar o companheiro nas provas iniciáticas colcas,¹⁴ ele sequer teria sobrevivido. Em seguida, quando já se encontravam de volta à Grécia com o velocino de ouro requerido e Pélias, o tio de Jasão, ainda assim se negava a ceder-lhe o trono de Iolcos (o qual, aliás, usurpara ilegalmente a seu pai!), de novo essa mulher se dispôs a tomar uma medida drástica para aniquilar o inimigo. Referimo-nos ao episódio do assassinio, esquarteramento e ebulição do velho rei por suas enganadas filhas, que criam, incitadas por Medeia, poder assim restituir-lhe a juventude perdida.

O episódio da tentativa de envenenamento de Teseu por essa mesma personagem também se reveste, julgamos, de características passíveis de fazerem aflorar a "virilidade" de Medeia, pois que, aqui, recusando-se a assumir o mero papel feminino de madrastra do jovem príncipe (v. 404ss),¹⁵ filho do rei Egeu de Atenas, seu esposo, a mulher opta por um ato de conotações decisivamente políticas. Parece óbvio que, tentando eliminar o "instruso" no relacionamento com um marido dotado das prerrogativas do poder, a mulher bus-

¹³ COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p. 32.

¹⁴ CAMPBELL. *O herói de mil faces*, p. 365s.

¹⁵ POMEROY. *Godesses, whores, wives, and slaves*, p. 72: "Woman of all social classes worked mainly indoors or near the house in order to guard it. They concerned themselves with the care of young children, the nursing of sick slaves, the fabrication of clothing, and the preparation of food."

¹² COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p. 30, 32.

cou evitar a dispersão do mando de seu controle: segundo algumas tradições – de resto, não diretamente ecoadas por Ovídio na passagem que aqui nos diz respeito – ela teria, inclusive, procriado um filho de nome Medo com aquele soberano,¹⁶ que não desejaria, entende-se, ver aliado do trono ateniense por um outro.

Sobre tais exemplos extraídos do livro VII das *Metamorfoses* ovidianas, pode-se dizer, portanto, segundo uma fórmula do monstroso acima citada por Cohen, que Medeia por vezes desafia, em ativa tomada de decisões audaciosas e violentas, os parâmetros culturais de preponderante receptividade cabíveis à mulher no mundo greco-romano.¹⁷ Isso significa que, hibridizando-se de características femininas – como a própria e indelével inclinação passional pelo companheiro – e "masculinas", estabelece de algum modo a existência de uma forma do humano em fuga à cerrada polaridade entre os dois gêneros sexuais.

Por outro lado, propomos a leitura do episódio do infanticídio coríntio, como paga a Jasão por tê-la traído com Creúsa, sob o signo "monstruoso" da diferença. Essa passagem, evocada muito brevemente pelo Ovídio das *Metamorfoses*, significa a vinda à tona, em todo esplendor, dos exóticos dotes mágicos de Medeia, "adormecidos" durante a estada da personagem na Grécia em pacata vida "conjugal" com o "marido" e os filhos:

Mas, depois que a nova esposa ardeu com *colcos venenos*
e cada um dos mares viu o palácio do rei inflamar-se,
a ímpia espada é banhada com o sangue dos filhos
e a mãe, *violentamente vingada*, foge das armas de Jasão.¹⁸

Talvez toquemos, aqui, em práticas caracterizadoras de uma religiosidade matriarcal pré-helênica,¹⁹ de todo modo, alheia aos ritos institucionalizados das cidades gregas. Com isso, delinea-se

em cruza a personagem pelo viés do estranhamento mágico/reli-gioso e, ainda, étnico, como se nota na citação acima, pela explícita menção a seu sangue bárbaro... Desse modo, se o monstroso pode definir-se inclusive pela confusão de fronteiras (aquiescência feminina e ímpeto viril) e pela diferença (bárbara e manifestante sem pejo de marcantes aspectos de sua feminilidade), acreditamos em que a caracterização da Medeia ovidiana nas *Metamorfoses* leva mais além, no cotejo com a das *Heróides*, a distância dessa personagem dos padrões sociais pré-estabelecidos.

Referências

- BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et alii. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2008.
- CARDOSO, Z. de A. A representação da mulher na poesia latina. In: FEITOSA, L. C.; FUNARI, P. P. de A.; SILVA, G. J. (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 261-295.
- COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24-60.
- FEDELI, P. Bucolica, lirica elegia. In: MONTANARI, F. (Org.). *La poesia latina: Forme, autori, problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991. p. 77-131.
- GRIMAL, P. *O amor em Roma*. Tradução de Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOLZBERG, N. *Ovídio: The Poet and His Work*. Translated by G. M. Goshgarian. Ithaca/London: Cornell University Press, 2002.
- NERI, M. L.; NOVAK, M. G. (Org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OVIDIO. *L'arte di amare: A cura di Emilio Pianezzola*. Commento di Gianluigi Baldo, Lucio Cristante, Emilio Pianezzola. Milano: Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Editore, s.d. p. 12-15.
- OVIDIO. *Lettere di eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1998.
- OVIDIO. *Metamorfosi*. Con un saggio di Italo Calvino. Torino: Einaudi, 1994.
- POMEROY, S. B. *Goddesses, whores, wives, and slaves*. New York: Schocken Books, 1995.
- RINNE, O. *Medeia: O direito à ira e ao ciúme*. Tradução de Margit Martincic e Daniel

¹⁶ BRUNEL. *Dicionário de mitos literários*, p. 614.

¹⁷ OVIDIO. *Heróides*, XIX, 6-7: "Fortius ingenium suspicor esse viris./ Vt corpus, teneris ita mens infirma puellis."
– "Suspeito de ser a natureza do homem mais forte./ Assim como o corpo, das tenras moças o espírito é fraco."
(Tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar).

¹⁸ OVIDIO. *Metamorfoses*, VII, 394-397: "Sed postquam Colchis arsit nova nupta venenis/ flagrantemque domum regis mare vidit utrumque./ sanguine natorum perfunditur inpius ensis./ ultaque se male mater Iasonis effugit ama."
(Tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar).

¹⁹ RINNE. *Medéia: O direito à ira e ao ciúme*, p. 63ss.

Camarinha da Silva. São Paulo: Cultrix, 2005.

ROSATI, G. Introduzione. In: OVIDIO. *Lettere di eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1998. p. 5-63.

TITVS LIVIVS. *Ab Vrbe Condita Libri – Liber I*. Texte établi et traduit par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VEYNE, P. O império romano. In: VEYNE, P. (Org.). *História da vida privada*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. p. 19-211.

**Publicações de interesse
para a área de estudos clássicos**

Apocolocyntosis; De Providentia
Sêneca

Assomos e assombros
Mariângela Paraizo
Tereza Virginia Ribeiro Barbosa (Orgs.)

Através das sombras
Ana Araújo
Maria Clara Xavier (Orgs.)

Consolação a Políbio
Lúcio Aneu Sêneca

Ítacas
Konstantinos Kaváfis



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.